

# ***Cooperação missionária e partilha entre Igrejas***

## ***Como se situar? Que podemos esperar?***

Paris, 14 setembro 2002  
Sr. Pierre Diarra  
OPM – Cooperação missionária

### ***Introdução***

Cada Igreja particular é responsável pela missão “em seu território”, mas não pode ficar surda aos apelos das outras Igrejas locais. A missão aqui é vivida em sinergia com a missão dali. As Igrejas locais formam juntas a Igreja universal e são responsáveis pela Missão no mundo inteiro, daí a importância da cooperação missionária e do movimento ecumênico marcado por uma perspectiva missionária. Jo. 17, 21). Todas as Igrejas são irmãs (Missão da Igreja, nº 107, março 1995, dossiê Igrejas irmãs: Jesus Cristo para a vida dos povos por Mgr Cissé, pp. 29-52), inspiram-se no mesmo Espírito Santo e devem tender à comunhão eclesial apoiando-se e estimulando-se mutuamente. Isto é verdade no seio da Igreja católica; também o é com relação às diversas confissões cristãs. Esta comunhão haure sua fonte em Deus e se manifesta na liturgia, onde Deus se dá a todos, chamando-nos a segui-lo no amor, na partilha, na solidariedade e na luta pela justiça e pela paz. Por essa ajuda comum, todos tendem à unidade no Espírito (Ef. 4, 3-6).

### **1. O projeto de Deus: projeto de amor, de comunhão, de cooperação**

O decreto sobre a atividade do Concílio Vaticano II, Ad Gentes, nos lembra que a missão cristã tem sua fonte em Deus, Pai, Filho e Espírito. O próprio Senhor Jesus, sendo o enviado pelo Pai, (cf. Jo. 20, 21), enviou seus Apóstolos pelo mundo a pregar o Evangelho (Mt. 28, 16-20; Mc. 16, 14-20). O projeto de amor do Pai (revelação, salvação, reconciliação, etc.), realizado por Cristo no Espírito, visa essencialmente

a uma comunhão de fraternidade. Os Irmãos e Irmãs em Cristo firmam a comunhão dos discípulos: são a Igreja de Cristo, além das querelas, teológicas e litúrgicas. Cristãos, clérigos, leigos, religiosos, religiosas, protestantes, ortodoxos, evangélicos, etc., todos são chamados a testemunhar Jesus Cristo, de diversas maneiras: criando laços amistosos e fraternos, servindo à Vida, melhorando a sociedade, trabalhando para estender o Reino de Deus, vivendo e fazendo viver a justiça, o diálogo, a paz, convertendo-se e fazendo crescer a Igreja... Eis o desafio que nos é lançado.

As comunidades cristãs são (ou devem ser) no mundo uma fonte de reconciliação, transbordante de vida e de esperança: uma semente de fraternidade, de paz, aqui e acolá. A missão aqui estimula a dali e vice-versa. Os cristãos se comprometem, testemunham sua fé e respeitam a liberdade de consciência de toda pessoa, sugerem e propõem os valores evangélicos (Jo. 4, 10; 1 Jo. 1, 3).

## **2. Intuições e iniciativas carismáticas**

Todas as congregações têm um carisma a promover, carisma nascido da percepção de um aspecto importante do Evangelho. Desde o século XIX, os leigos têm apoiado os missionários franceses na evangelização do mundo. Assim aparecem congregações mais ou menos missionárias, no sentido que decidem ir mais ou menos longe para testemunhar o Evangelho, apoiados por toda a Igreja. Cooperam mais ou menos. É o que se percebe nas quatro obras missionárias pontifícias procedentes de iniciativas carismáticas com o fim de secundar a atividade missionária. A Igreja vai garantir sua autenticidade reconhecendo-as e fazendo-as suas em 1822, 1843, 1889 e 1917, mediante a intervenção direta da Santa Sé: a Propagação da fé (1822, Pauline Marie Jaricot), a Santa Infância (1843, Dom Forbin Janson), São Pedro Apóstolo (1889, Jeanne e Stéphanie Bigard) e a União Pontifícia Missionária (1917, Padre Paolo Manna).

### a) Propagação da fé (1822, Pauline Marie Jaricot)

A associação da Propagação da Fé nasce em Lyon, em 1822, graças às intuições de Pauline Marie Jaricot. Hoje, a obra pontifícia missionária da Propagação da Fé tem como objetivo suscitar o interesse com relação à evangelização universal em todos os setores do povo de Deus e de promover entre as Igrejas locais a ajuda espiritual e material, assim como o intercâmbio de pessoal apostólico.

### b) Santa Infância (1843, Mons. Forbin Janson)

Hoje, a Obra Pontifícia da Infância missionária quer ajudar os educadores a despertarem progressivamente nas crianças a consciência missionária, estimulá-las a partilhar sua fé e os meios materiais com colegas de outros países e de Igrejas mais pobres e promover as vocações missionárias desde a mais tenra idade.

### c) São Pedro Apóstolo (1889, Jeanne e Stéphanie Bigard)

A obra pontifícia missionária de São Pedro Apóstolo quer sensibilizar o povo cristão para a importância do clero local nos territórios de missão e convidá-los a colaborar espiritualmente e materialmente na formação de candidatos ao sacerdócio e à vida consagrada.

d) União Pontifícia Missionária (1917, Padre Paolo Manna)

O objetivo da União Pontifícia Missionária é a formação e a sensibilização missionárias dos sacerdotes, seminaristas, membros dos institutos masculinos e femininos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica e de seus candidatos, sem esquecer os missionários leigos, diretamente comprometidos na missão universal. É um pouco como a alma das outras obras, pois os que a compõem estão dotados de uma natureza especial para suscitar o espírito missionário e crescer na cooperação missionária.

Estas Obras têm um caráter universal; tarefa de todo o episcopado e de todo o povo de Deus; seu objetivo comum é promover o espírito missionário universal no meio do povo de Deus. Hoje a Congregação para a evangelização dos povos anima os intercâmbios entre Igrejas, coordena a cooperação missionária e assegura uma ajuda financeira às Igrejas locais, isto é, a mais de 900 circunscrições eclesiais situadas principalmente na África e na Ásia.

Cada ano, os diretores nacionais das Obras pontifícias missionárias se reúnem em Roma, no mês de maio, para ver quais são as necessidades das Igrejas, quais os meios financeiros que cada uma pode angariar e como repartir esses meios inspirando-se no espírito das primeiras comunidades cristãs (At. 2, 4).

Em 1999, por exemplo, estes foram assim distribuídos:

- 30,81 % da soma total para a vida das dioceses;
- 19,94 % para manter aos seminários;
- 12,27 % para a construção de lugares de oração;
- 9,98 % para as crianças (creches, escolas, orfanatos).

O resto para a formação dos catequistas (7,89 %), as comunidades religiosas (7,24 %), as Igrejas orientais e América latina (5,11 %), os sacerdotes e a pastoral local (3,46 %), as urgências e diversos (3,30 %).

e) Despertar, formar e responsabilizar

Este encontro de diretores das Obras Missionárias Pontifícias (OMP) e a distribuição da coleta são apenas um aspecto de tudo o que se vive em cada um dos países representados. Há paróquias, associações, reuniões e ajudas de toda espécie, com mais ou menos questões e dificuldades relacionais. Posto que todos os leigos são missionários em virtude de seu batismo, as comunidades cristãs devem despertar todos os batizados para as necessidades dos pobres, as necessidades das Igrejas, a fim de que todos possam comprometer-se com o serviço da evangelização, cada um

desempenhando com responsabilidade o papel que lhe incumbe. Na França, por exemplo, numerosos organismos de Igreja trabalham em União com outros batizados, outras Igrejas locais, parceiros, Igrejas irmãs: Comitê Católico contra a fome e em favor do Desenvolvimento (CCFD), Comitê Episcopal França-América Latina (CEFAL), Delegação Católica para a Cooperação (DCC), Serviço de Cooperação ao Desenvolvimento (SCD), institutos missionários, etc.

Nem sempre é fácil animar, despertar e formar cristãos que cresceram em uma tradição cristã. As maneiras de viver a missão ou de viver o ecumenismo variam sem que a massa, os praticantes ocasionais e mesmo os outros percebam ou mudem verdadeiramente sua concepção das coisas. Na Europa, como em outros lugares, é preciso continuar a:

- despertar para a missão universal, a missão ad gentes;
- tornar os cristãos mais missionários, mais responsáveis aqui e ali, conjuntamente.
- indicar os novos campos de missão: mundos novos, juventude, mundo urbano, bairros, novos areópagos (bioética, ecologia, meios de comunicação, viajantes, refugiados, etc.);
- suscitar o interesse pelo que se faz em outros lugares, estimular a solidariedade, favorecer os intercâmbios, os encontros e a comunhão entre as Igrejas do mundo inteiro;
- recordar alguns pontos importantes sobre a missão ad gentes (Exemplo: *Redemptoris Missio* (RM), nº 63-64).

Vejamos alguns exemplos:

(1) Cada Igreja particular deve abrir-se generosamente às necessidades das demais. Com real colaboração e reciprocidade entre Igrejas, cada uma deve dispor-se a dar e a receber. Trata-se de uma fonte de enriquecimento para todas. E isto concerne a diversos setores da vida eclesial.

(2) Os missionários e os institutos missionários continuam sendo necessários à vida (RM nº. 65-66).

(3) Os padres devem partilhar a solicitude pela missão. Estarão sempre disponíveis com relação ao Espírito Santo e ao bispo, a fim de serem enviados para pregar o Evangelho além das fronteiras de seu país (RM, nº 67-68). Assim, de maneira singular, os padres de *Fidei Donum* põem em evidência os vínculos de comunhão entre as Igrejas; oferecem uma preciosa colaboração para o crescimento das comunidades eclesiais necessitadas e recebem delas o frescor e a vitalidade de sua fé.

(4) Um apelo foi lançado aos religiosos e religiosas, mesmo aos que não fazem parte de uma congregação especificamente missionária, para que trabalhem também na cooperação missionária (cf. RM nº 69-70; *Exortação Apostolique Pastores dabo vobis*).

(5) A existência da “Comissão permanente inter-dicastérios para uma distribuição mais eqüitativa dos padres no mundo” (criada em 1991).

(6) Todas as Igrejas locais são por natureza, missionárias e co-responsáveis pelo crescimento da fé no mundo inteiro. Devem colaborar portanto para responder a todos os desafios. São irmãs e trabalham a favor de uma maior comunhão e fraternidade (cf. Igreja Fraternidade de Michel Dujarier; cf. Ad Gentes, 38; DC 2132, p. 157-159 e muitos outros documentos em 1980 e em 1993; DC 2069, p. 305-306).

Ao concluir este ponto, é preciso dizer que a cooperação missionária é essencial, é tarefa de toda a Igreja e de cada Igreja local, pois os intercâmbios entre Igrejas são necessários para a vitalidade da Igreja e sua catolicidade. Para as OMP - Cooperação missionária, aqui em França-, trata-se de estar atento ao que se vive em outros lugares para melhor promover, aqui e ali, o diálogo e a comunhão, a partilha financeira e os intercâmbios entre as Igrejas, inspirando-se no espírito das primeiras comunidades cristãs (At. 2, 4).

É preciso notar aqui como o mesmo Deus que agia na missão de Pedro para pregar o Evangelho aos judeus, agia também através da pregação que Paulo dirigia aos pagãos no mundo inteiro (Gal. 2, 9). Como sinal de comunhão, está escrito no versículo 10, “estenderam-nos a mão” e decidiram fazer em comum uma coleta, destinada aos pobres, cuja realização o Apóstolo assumiu com interesse durante toda a sua atividade missionária. Algumas indagações poderiam suscitar nossa atenção aqui: pode haver coleta de uma Igreja católica em favor dos pobres de uma Igreja protestante, e uma coleta de uma Igreja protestante em favor dos pobres de uma Igreja católica? Que fazemos, como cristãos de diversas confissões, para nos apoiarmos mutuamente na missão? Que fazemos como congregação para apoiar outra congregação missionária? Que fazemos para apoiar uma determinada comunidade em um determinado contexto?

### **3. Intercâmbio entre Igrejas, partilha e estímulo recíproco**

Como a cooperação missionária, o ecumenismo se expressa por meio da oração, a abertura ao que se vive em outro lugar, a recepção de donativos recíprocos, o intercâmbio de missionários (sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos), a solidariedade financeira, etc. Este dinamismo depende do despertar dos cristãos para a missão universal da Igreja, a missão ‘ad gentes’ (cf. Ad gentes, 38; RM n° 63-70; Documentação Católica (DC), n° 2132, p. 157-159), como o vimos na primeira conferência. Todos os cristãos estão convidados a anunciarem juntos o Evangelho com a palavra e com as obras. A plena comunhão eclesial e a credibilidade do testemunho cristão têm esse preço (cf. Carta magna ecumênica européia: DC, n° 2250, 17 junho 2001, p. 584-588; João Paulo II, Que sejam um, 1995, n° 55-58; 74-76; 79-99).

#### **a) Bispo para a salvação do mundo inteiro**

O Senhor Ressuscitado confiou o preceito da missão universal ao colégio apostólico, tendo Pedro à frente; da mesma maneira esta responsabilidade cabe a todo colegiado episcopal, sob a chefia do

sucessor de Pedro. O Concílio Vaticano II lembra que o cuidado de anunciar o Evangelho em toda a terra corresponde ao corpo dos pastores (Lumen Gentium [LG], n° 23). Afirma também que os Bispos não foram consagrados somente para uma diocese, mas para a salvação do mundo inteiro (Ad gentes, 38). Devem, pois, ter a preocupação pela evangelização e a acolhida do Evangelho no mundo inteiro. O Bispo conduz a missão em sua diocese, mas como pode ele fazer para que todos os batizados presentes dela participem? Como os religiosos e as religiosas se envolvem na evangelização de uma determinada diocese?

b) Melhorar as relações entre cristãos para melhor evangelizar

Em sua carta encíclica sobre o ecumenismo *Ut unum sint*: “Que sejam um” (1995), João Paulo II lembra o compromisso ecumênico da Igreja católica e os frutos do diálogo. Já não é questão de “irmãos separados”, mas de “outros batizados”, de cristãos de outras comunidades com quem é preciso falar, de “irmãos cristãos” de quem é preciso aceitar a diferença, a diversidade. Esta diversidade legítima não se opõe em absoluto à unidade da Igreja, mas aumenta seu prestígio e contribui amplamente para o cumprimento da missão (n° 50). Como é possível permanecer divididos se com o batismo fomos “imersos” na morte do Senhor, isto é, no próprio fato de que, por meio do Filho, Deus derrubou os muros da divisão? (n° 6). João Paulo II sabe que o diálogo já produziu frutos e concede uma importância especial aos encontros do Ocidente com as tradições do Oriente: “A Igreja deve respirar com seus dois pulmões” (n° 54). Todas as Igrejas cristãs, que se tornaram mais conscientes de ser Igrejas irmãs (55-58) devem levar os fardos umas das outras, segundo as palavras de São Paulo; devem também olhar para o futuro para avançar pelo caminho da unidade. João Paulo II fez seis proposições para ajudar a todos os cristãos e a todas as comunidades cristãs a irem mais adiante:

(1) **aprofundamento das questões** pendentes “para chegar a um verdadeiro consenso na fé” (n° 79);

(2) “**recepção**”, no sentido teológico do termo, **dos resultados já adquiridos pelo conjunto do povo de Deus** (n° 80-81);

(3) **prática do “diálogo, da conversa” sob o olhar de Deus**, que desemboca na comunhão dos Santos (n° 82-85);

(4) **enriquecimento mútuo ou partilha dos dons** (n° 86-87);

(5) **reconhecimento do ministério de unidade da Igreja e do Bispo de Roma** (n° 88-97);

(6) tudo numa **perspectiva missionária**, pois Cristo rezou pela unidade “*a fim de que o mundo creia*” (Jo. 17, 21; n° 98-99).

c) Dialogar em vista da conversão de todos

O Evangelho se dirige aos cristãos e lhes mostra o caminho da conversão, da santidade: suas relações com todo homem devem

melhorar, inclusive suas relações com seus irmãos cristãos (**Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito: Mt. 5, 48**). Talvez é necessário ter esta tela de fundo na mente para melhor apreciar um dos pontos, importantes para a missão e o ecumenismo, muito bem sublinhado nesta encíclica, a saber, o diálogo da conversão com sua evocação aos santos mártires. **O encontro com o outro**, sempre diferente, deve levar-me a melhor acolher o Evangelho, a converter-me.

De fato a dimensão espiritual da missão e do ecumenismo é feita de arrependimento, de reconhecimento dos próprios erros, de vontade de reforma pessoal e comunitária, de abandono nas mãos de Deus, de confiança absoluta no poder reconciliador de Cristo. A superação da divisão é possível já que nosso Deus é o Deus da reconciliação e que os mártires das diferentes Igrejas o atestam. Cada Igreja local, cada Igreja cristã deve situar-se no espaço espiritual onde Cristo lhe indica a conversão a realizar. Desta maneira, todas as Igrejas caminharão para a comunhão visível, cada uma acolhendo o Evangelho, segundo sua sensibilidade e seu contexto socio-político, a fim de propor melhor a conversão, a acolhida de Jesus Cristo.

#### d) Ministério de unidade da Igreja e do Bispo de Roma

O segundo ponto particularmente sublinhado nesta encíclica sobre o ecumenismo é o convite a abordar de frente a questão do papel da Igreja de Roma e de seu Bispo. Esta primazia do Bispo de Roma deve ser refletida por todas as Igrejas cristãs; isto não é assunto somente dos católicos. Referindo-se a uma releitura do Novo Testamento, a debilidade de Pedro deve ser levada em consideração para melhor perceber que seu ministério específico na Igreja é totalmente o efeito da graça (nº 91). De fato, a Igreja está baseada na misericórdia de Deus e o sucessor de Pedro deve ser sinal desta misericórdia em seu serviço à unidade no interior do colégio dos Bispos. A missão do Bispo de Roma consiste em “vigiar”, como uma sentinela, de modo que, graças aos pastores, escute-se em todas as Igrejas particulares a verdadeira voz de Cristo Pastor (nº 94).

Finalmente, a cooperação missionária e o ecumenismo continuam sendo a tarefa de todas as comunidades cristãs; os intercâmbios entre Igrejas irmãs, entre cristãos de todas as confissões, são necessárias para a credibilidade do testemunho cristão, a vitalidade da Igreja e sua catolicidade, para a compreensão cada vez maior da mensagem de Cristo (salvação, liberação, opção preferencial pelos pobres, diálogo com todo homem, inculturação, nova evangelização, busca de harmonia, respeito da vida, salvaguarda da criação, etc.), para a reconciliação dos povos e a paz no mundo.

#### e) Escutar por toda parte a voz verdadeira do Cristo-Pastor

Desde o início, a Igreja criada pelo Espírito descansa totalmente nesta verdade fundamental: a diversidade dos carismas. Paulo escreve: diversidade

de carismas, mas o Espírito é o mesmo. (1 Co 12, 4 relacionar com a parábola dos talentos, Mt. 25, 14 ss, onde Jesus põe a ênfase no dever que impõe o dom). Podemos pensar que todo carisma conferido pelo Espírito corre o risco de ser deformado por outros espíritos; pode, pois, se converter em fonte de heresia. Só o carisma isento de toda deformação, e não sua perversão, deve constituir a riqueza inerente à diversidade no seio da comunidade das Igrejas. Uma autocrítica deveria ser exigida regularmente em todas as comunidades cristãs, em todas as Igrejas, para eliminar com coragem os desvios, os mecanismos de recusa de conversão. O diálogo inter-religioso, o testemunho comum bem como todas as formas de encontros ecumênicos deveriam ser edificantes. Se os carismas são confrontados de uma parte e de outra, com uma vontade firme de respeitá-los, poderiam ser aprofundados e purificados; isto beneficiaria todas as Igrejas, pois saberiam o que não devem copiar dos outros.

Se os cristãos têm algo a propor hoje a nossos contemporâneos, no diálogo com todo homem e de maneira mais geral na evangelização, o que proporiam de especificamente cristão? O cristão se compromete no seguimento de Cristo, que veio proclamar um Evangelho de vida, de fraternidade, de comunhão. A missão deve partir dos seres humanos, de suas necessidades e de seus desejos. Parte dos “seres desamparados” e leva a sério a política, o sociocultural, aqui, mas também toda situação de miséria, em toda parte do mundo (cf. Bernard Mercier, dans les Cahiers de l’Atelier, n° 488, abril-junho 2000, p.72-79; p.73).

A missão é pois:

- (1) presença ao outro (estar com),
- (2) serviço libertador (gestos do servidor),
- (3) diálogo (escuta recíproca, busca comum da verdade, proclamação eventual),
- (4) anúncio explícito de Jesus Cristo (ensinar, pregar, catequizar),
- (5) oração e sacramentos (celebrar),

O importante hoje para a missiologia, a cooperação missionária, é a relação com o outro, o diálogo, o intercâmbio de vida e de energia entre os povos, as Igrejas: a missão sob o sinal do diálogo. Isto é importante para os cristãos que vivem na Ásia e deve sê-lo também nos outros continentes. A inculturação é importante na África (cf. João Paulo II, a Igreja na África, Paris, Cerf, 1995, n° 55-71) e a libertação na América Latina. A nova evangelização é importante na Europa, mas o é também por toda parte onde há “antigos cristãos” que se “fatigam” em sua caminhada em seguimento de Cristo. Estes aspectos são os pontos de referência e talvez os critérios de discernimento de toda “boa evangelização”, qualquer que seja o continente onde os discípulos de Jesus Cristo propõem o Evangelho. Se a Europa necessita de uma nova evangelização, necessita também praticar o diálogo com todo homem, necessita o sopro do Espírito que ajuda a inculturar, em comunhão com todas as outras Igrejas cristãs do mundo inteiro, o que parece essencial para viver hoje de Jesus Cristo. A Europa tem necessidade de libertação, de harmonia, aspectos postos em relevo,

sobretudo na América Latina e na Ásia. O ecumenismo deveria ajudar os cristãos a prosseguirem juntos por estes caminhos de Evangelização, a fim de que todos, cristãos e outros crentes ouçam a voz de Jesus Cristo, e se convertam, fazendo nova a humanidade inteira transformando-a no seu interior. Num mesmo país, num mesmo continente, as dioceses podem cooperar (França-Alemanha; Benin-Burkina-Nigér; África negra - África do norte...).

f) Viver a missão e o ecumenismo: caminho de conversão para todos

O Evangelho se dirige a todos, cristãos e outros crentes. Quaisquer que sejam suas divergências e suas convicções, todos estão convidados a converter-se: **“O tempo se está cumprindo e o Reino de Deus está próximo; convertei-vos e crede na Boa Nova”** (Mc. 1, 15). O ecumenismo ajuda a estabelecer os pontos de doutrina, as características distintivas dos cristãos (O símbolo batismal chamado “apostólico” e o Credo de Nicéia-Constantinopla, por exemplo, propostos por Karl Rahner). Ajuda também a valorizar o amor pelos irmãos que poderiam ser classificados como fracos na fé (segundo São Paulo, o irmão por quem Cristo morreu: Ro. 14, 15), tendo bem claro que não se deve perder o mandamento paulino que deveria ser a origem de todo esforço ecumênico: unir o amor ao respeito da verdade (cf. Ef. 4, 15). Neste contexto, é possível apreciar verdadeiramente os carismas essenciais de tal ou tal Igreja, de tal ou tal congregação, e, por conseguinte, perceber o que é essencial para o cristianismo hoje.

Oscar Cullmann, por exemplo, designava “como carismas típicos do protestantismo, por um lado, a concentração sobre a **Bíblia**, por outro, a **liberdade cristã** que favorece a abertura para o mundo e determina a estrutura das Igrejas protestantes” (Unidade na diversidade, Paris, Cerf, 1986, p. 26). Para a Igreja católica, os carismas essenciais seriam, por uma parte o **universalismo**, no sentido espacial e temporal (tradição legítima), por outra, a instituição, a **organização** que lhe permite dirigir-se a seus membros e ao mundo com a autoridade necessária e que, apesar de variantes possíveis, cria uma unidade de estrutura. Como carismas da Igreja ortodoxa, Oscar Cullmann designa antes de tudo, por um lado, o **aprofundamento teológico** da noção do Espírito Santo e por outro, a conservação das formas tradicionais **da liturgia**. Se cada Igreja mantém pura sua particularidade carismática, é capaz de cumprir sua missão junto a outras Igrejas irmãs.

Qualquer que seja o carisma, corre sempre o risco de ser deformado. Assim, a renúncia a todo magistério pode desembocar num pluralismo produzindo no seio das Igrejas protestantes, uma dispersão doutrinal paralisante. Igualmente, a liberdade cristã (com abertura para o mundo) pode degenerar em anarquia, onde não se faz mais questão de instituição nem de ordem, embora, claro, nosso Deus não seja um Deus de desordem (1 Co 14, 33 e 40). E mais, a abertura para o mundo pode converter-se em submissão servil para com ele. (Ro. 12, 2). O carisma do universalismo, da irradiação do Evangelho no mundo comporta um perigo para o catolicismo: baseado num direito divino que se fundamenta na sucessão apostólica ter a

pretensão de possuir a plenitude do Evangelho e ser sua única garantia. Podemos pensar que uma plenitude de graça e de verdade foi confiada unicamente à Igreja católica?

*Conclusão*

## **1. Tender para a comunhão fraterna**

É sem dúvida o conjunto, trabalhando a carta da cooperação, que todas as Igrejas devem determinar, sem dúvida, o que é importante, essencial, para os cristãos de ontem e de hoje. Juntas, elas podem hierarquizar melhor as verdades da fé, sem, no entanto tornar supérfluas as outras verdades reveladas. Tendem desta forma para um testemunho comum, sem proselitismo (cf. o trabalho realizado numa década pelos delegados diocesanos ou consistoriais a favor do ecumenismo das regiões Centro-Alpes-Rhône da Igreja reformada de França e Centro-Oeste da Igreja católica romana; Unidade cristã, nº 145 fevereiro de 2002). O objetivo essencial da evangelização, bem como o do ecumenismo e de toda cooperação missionária, é a comunhão fraterna.

## **2. A missão da Igreja: uma semente de fraternidade**

As comunidades cristãs são (ou devem ser) no mundo uma fonte reveladora transbordante de vida e de esperança: uma semente de fraternidade, isto é, de relações de tipo fraterno entre Igrejas, com plena reciprocidade no respeito, na ajuda mútua, na partilha e na responsabilidade missionária. Para a Igreja e para cada um de seus filhos, ser missionário, é viver plenamente seu próprio compromisso de batizado, dar a conhecer a Jesus Cristo, propor e realizar a comunhão, a fraternidade querida pelo Deus de Amor, Deus Pai-Filho-Espírito. Sem forçar ninguém, os cristãos sugerem, propõem, comprometendo-se pelos caminhos do amor, um pouco como Jesus com a Samaritana: “**Se conhecêsseis o dom de Deus**” ou mais explicitamente, como São João “O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1 Jo. 1, 3).

Sr. Pierre DIARRA  
OMP - Cooperação missionária

*Sessão Missionária Internacional*  
*Setembro de 2002*

# *A Missão segundo São Vicente*

## *Pontos fundamentais*

Paris, 14 setembro 2002  
Padre Antonino Orcajo, c.m

### **Apresentação**

O conceito e a realidade de “missão” pertencem ao íntimo do pensamento e do compromisso do Fundador da Missão e da Caridade. A missão em São Vicente de Paulo é garantia para as ações nitidamente missionárias, como são as missões chamadas “populares” e as denominadas “*ad gentes*”, às quais podemos acrescentar outras atividades que podem ser colocadas sob o título global de “missão”. Esta compreende vários sentidos, vinculados entre si e dependentes uns dos outros. A missão é esclarecida, sobretudo, à luz da tarefa específica da evangelização dos pobres. Se em São Vicente de Paulo fizermos abstração de sua experiência evangelizadora, deformaremos sua personalidade espiritual e apostólica, não compreenderemos suas obras principais: a Missão e a Caridade, nem tampouco chegaremos a compreender seus ensinamentos que giram precisamente em torno da missão que ele e suas comunidades desempenharam na Igreja e no mundo.

Considerando que o conceito de missão evoluiu desde o tempo de São Vicente até hoje, exige-se fazer uma releitura de sua palavra e de suas exortações acerca da vocação missionária de nossas pequenas comunidades, postas a serviço da Igreja. Como tantas vezes foi realçado, São Vicente é filho de seu tempo e de sua cultura; não se deve portanto admirar que algumas de suas expressões e comparações possam chamar atenção. Se é verdade que algumas podem parecer – nos bizarras como quando fala de “conquistas” e “impérios”, de vanguardas e retaguardas-, também é verdade que sua experiência e exemplo não envelheceram e permanecem como um estímulo constante. Não esqueçamos que a evolução semântica dos termos nunca se completa e que de fato ela afetou o vocábulo “missão”, sobretudo no sentido teológico e cultural.

É preciso considerar também que São Vicente enriqueceu progressivamente sua experiência de “missão”, enquanto se engajava para responder às necessidades mais prementes da Igreja. Consagrou-se progressivamente às missões populares e alguns anos mais tarde,

descobriu que devia abrir-se a horizontes mais vastos em países de missão “*ad gentes*”. Da mesma maneira, pouco a pouco foi compreendendo que a missão evangelizadora da Igreja fazia parte de sua identidade, e, portanto, suas congregações deviam participar da natureza missionária da Igreja. A missão, com efeito, define a vocação e a razão de ser da Igreja e das comunidades vicentinas.

São Vicente dá ao termo “missão” três sentidos, a saber: o envio, a tarefa evangelizadora e a felicidade temporal e eterna. Cada um destes sentidos engloba, ao mesmo tempo, outras noções que ajudam a dar o perfil da complexidade e riqueza da missão. Não é preciso fazer grandes esforços para entender que toda a argumentação de São Vicente parte de suas convicções profundas de fé e amor a Jesus Cristo e à sua Igreja; sem os quais, não se teria comprometido nem tampouco teria levado suas congregações a viverem o carisma missionário.

Jesus Cristo, o enviado do Pai e evangelizador dos pobres, é a base de qualquer sentido que se dê à missão: é o ponto obrigatório de referência para assumir a vocação e o compromisso apostólico na comunidade. Só a pessoa de Jesus confirma e esclarece o conteúdo da missão, bem como a confirmam a palavra e obra de São Vicente, sempre disposto a seguir as pegadas do divino Mestre. Segundo o título que lhe dará: Enviado, Evangelizador, Missionário, colocará em evidência um evangelista que lhe inspire a palavra adequada. Tampouco não lhe faltará a referência autorizada de teólogos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino que o conduzirão à mesma fonte: Jesus Cristo. Mais ainda, ele apela a testemunhas distantes ou próximas, como São Vicente Férrer ou São Francisco Xavier para estimular sua prática do zelo apostólico missionário, sinal distintivo do Salvador da humanidade.

## **1. A missão como envio**

O primeiro significado de “missão” - o mais usado por São Vicente - procede do termo latino *missio*, envio, do verbo *mittere*, enviar. Por conseguinte, fundamentalmente, entende-se a missão como um envio que uma pessoa faz de uma outra, a fim de que esta realize a missão que lhe foi confiada. O envio é o primeiro passo para a execução de uma obra. Ora, o enviado não pode agir em seu próprio nome, mas em nome de quem o envia. Assim São Vicente começa a entender a missão, até o ponto de que ninguém podia ir para as missões populares ou *ad gentes* sem ser antes enviado pela autoridade competente. Esta redigia a patente do envio. Observem a “Obediência para Carlos Nacquart e Nicolás Gondrée, enviados à Ilha de Madagascar”, redigida por Vicente de Paulo, Superior Geral da Congregação da Missão: “... *Pela presente nós os destinamos e os enviamos a esta Ilha e para outras partes da Índia para que, segundo as funções de nosso Instituto, vos dediqueis à salvação das almas com todas vossas forças, ajudados pela graça de Deus*” (Coste XIII, 314).

Deste primeiro sentido de “missão” deriva-se o nome “missionário”, que significa “enviado”. São Vicente se pergunta: “*Que quer dizer missionário? Quer dizer enviado, enviado de Deus. Disse-vos o Senhor: ‘Ide ao mundo inteiro, pregai o Evangelho a toda criatura’* (Mc. 16, 15), (XII, 27)<sup>1</sup>. O termo “apóstolo”, proveniente do verbo grego *apostelleîn*, enviar, significa também missionário, isto é, enviado. Em primeiro lugar foi aplicado ao grupo dos Doze, a quem Jesus Cristo havia confiado a missão de ir pelos povoados ensinando. Foi a eles que o Senhor se dirigiu para enviá-los de dois a dois às aldeias vizinhas (cf. Lc. 9,1-2), e mais tarde ao mundo inteiro (cf. Mc. 16,15). O termo “apostolado”, derivado de apóstolo, significa missão ou delegação. Em suma, o apóstolo é um delegado que age e fala em nome de Deus.

Considerando-se que se trata da missão, em sentido bíblico e teológico, a consideração feita por nosso Fundador em dois momentos principais a propósito da ordem trinitária é importante: o envio do Filho a terra realizado pelo Pai e o envio do Espírito Santo pelo Pai e o Filho à Igreja nascente, no dia de Pentecostes. Neste sentido, o Filho e o Espírito são os “Missionários” por excelência, porque foram enviados para a salvação e santificação dos homens. Destes dois mistérios decorre que a Igreja é missionária por natureza, e que aqueles que são consagrados pela unção do Espírito Santo devem estar dispostos, em virtude do caráter recebido no batismo, a ir a pregar o Evangelho em qualquer lugar do mundo.

### **Jesus Cristo enviado do Pai**

Para São Vicente, que neste ponto segue o evangelista São João, Jesus Cristo é antes de tudo o Missionário do Pai, isto é, seu enviado, Aquele que cumpre na terra o desígnio eterno de salvação da humanidade, Aquele que nos apresenta o Pai, Aquele que nos revela seu amor e sua misericórdia. Muitas vezes e por motivos diversos São Vicente comenta: “*A Sagrada Escritura nos apresenta Nosso Senhor Jesus Cristo, que tendo sido enviado ao mundo para salvar ao gênero humano, começa primeiramente a praticar e depois a ensinar*” (RC.CM 1,1). Numa conferência aos padres da Missão: “*Nosso Senhor veio e foi enviado por seu Pai a evangelizar os pobres*” (Coste XII, p. 3). Poderíamos acrescentar numerosas citações onde Jesus aparece, segundo São João, como “o enviado”, aquele que cumpre fielmente o desígnio divino (cf. Jo. 3,17; 4,34; 5,30,36; 7,16; 8,42; 9,4; 12,45; 17,3,18; 20,21, etc).

É sintomático que São Vicente nos faça contemplar, na obra pictórica de Nicolás Cochin impressa nas “Regras Comuns da Congregação da Missão”, Jesus Cristo cercado de seus apóstolos como enviado do Pai e, ao mesmo tempo, como aquele que envia seus apóstolos ao mundo inteiro

---

<sup>1</sup> As citações de São Vicente são tiradas de COSTE, com a indicação do volume e da página (edição francesa).

para que exerçam a Caridade completa. Na parte superior da gravura aparece o texto de São João em latim, flanqueado pelas obras de misericórdia corporais e espirituais: *Sicut missi me Pater, et ego mitto vos* (Como o Pai me enviou, assim eu vos envio) (Jo. 20,21), e na parte inferior, o texto de São Lucas: *Circuibant per castella evangelizantes* (indo de povoado em povoado, anunciando a Boa Nova) (Lc. 9,6). Assim, a tarefa evangelizadora de Jesus consiste em cumprir a vontade do Pai refletindo o amor através das obras de misericórdia. Estamos diante do que é mais significativo na missão de Jesus que deve ser prolongada por seus discípulos na qualidade de enviados, ungidos pelo Espírito que nos configura ao Enviado do Pai e nos permite agir com seu próprio Espírito. Com efeito, *“aqueles que são chamados a continuar a missão do próprio Salvador, que consiste principalmente em evangelizar os pobres, devem encher-se dos seus sentimentos e máximas, ser repletos de seu mesmo espírito”* (Prólogo das RC.CM).

### **O Espírito Santo, enviado do Pai e do Filho**

É do segundo quadro contemplado por São Vicente que ele tira excelentes considerações para nos abrir ao influxo do Espírito Santo, Missionário do Pai e do Filho, que invade tudo, penetra tudo e suscita pessoas para continuarem a obra de Jesus. O Espírito é enviado à comunidade nascente, em Pentecostes, como o Senhor o havia prometido antes de subir ao céu (cf. Jo. 15,26); o Espírito conduz a Igreja, ilumina-a e conforta-a em suas dificuldades e adversidades; é Ele que a transforma em missionária, enviando-a a anunciar Jesus e seu Reino por todos os recônditos da terra.

Destinada a dar vida aos povos, a Igreja tenta viver os valores do Reino que ela própria anuncia sob o impulso do Espírito Santo. Entre as diversas imagens que São Vicente aplica à Igreja, é preciso sublinhar a “messe”: *“A Igreja é como uma grande messe que exige operários, mas operários que trabalhem”* (Coste XI, p. 41). São os evangelistas São Mateus e São Lucas que lhe sugerem uma tão bela imagem ao pôr nos lábios de Jesus estas palavras: *“A messe é grande mas os operários são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe”* (Mt 9,37; Lc. 10,2).

Recordem a importância que as comunidades vicentinas têm dado à oração *Esperança de Israel*, aprovada pelo Papa Leão XIII em 1884, a pedido do Padre Antonio Fiat, C.M., Superior Geral, para pedir vocações missionárias para a Companhia. É preciso ver com que insistência nos dirigimos ao Senhor para rogar-lhe que envie operários à sua messe. Quem é capaz de medir a influência desta oração na comunidade e em que grau preparou muitos missionários para estar sempre disponíveis e motivados, num desejo sincero de ir para as missões?

São Vicente só podia alegrar-se constatando o trabalho dos missionários, verdadeiros instrumentos da ação do Espírito na messe do Senhor: *“Oh! Que felicidade para nós missionários –acrescentava São Vicente após este relato da conversão de um herege, em Montmirail- poder verificar a conduta do Espírito Santo sobre sua Igreja, trabalhando como trabalhamos pela instrução e a santificação do povo”* (Coste XI, p. 37).

## **A comunidade vicentina a serviço da Igreja missionária**

O ardor apostólico e o desejo de colaborar para a extensão da Igreja, “fonte de salvação”, de acordo com a doutrina do Concílio de Trento nasceram muito cedo no coração de São Vicente. Era um fruto maduro do cultivo do zelo que não conhece limite. Ele e seus companheiros, chamados no início de padres da Missão, em seguida foram designados padres da Congregação da Missão. Se em 1617 começaram as missões populares dentro do território francês, rapidamente vão às cidades mais distantes da Europa e da África. Os primeiros missionários chegam à Ilha de Madagascar em 1648. O ano de 1640 marca, oficialmente, a data em que São Vicente se decide a responder, na medida do possível, ao pedido da Sagrada Congregação de Propaganda da Fé. Pode-se deduzir pela carta de 1º de junho desse mesmo ano ao Padre Luis Lebreton: *“Fui celebrar a santa missa. Ocorreu-me o seguinte pensamento: como o poder de enviar “ad gentes” reside na terra unicamente na pessoa de Sua santidade..., para a glória de Deus e a salvação das almas, todos os eclesiásticos têm obrigação de obedecer-lhe nisto; e segundo esta máxima, que me parece verdadeira, ofereço a Deus esta pequena Companhia, à sua divina Majestade para ir lá onde Sua santidade ordenar”* (Coste II, p. 51).

Após esta oferenda de sua Congregação a Deus, o Fundador da Missão ratifica seu propósito de ir lá onde determine o Vigário de Cristo. Efetivamente, dois anos mais tarde, em 1642, escreve ao P. Bernardo Codoing: *“Esta pequena Companhia foi educada em tal disposição de, deixar tudo, quando queira Sua Santidade enviá-la “a capite ad calcem” a qualquer país ela , irá de muito bom grado”* (Coste II, p. 256). Enfim, em 1650, declara ao Papa Inocêncio X: *“Beatíssimo Pai, em qualquer parte do mundo em que nos encontremos, estamos submetidos à vossa vontade e favor, dispostos a ir a qualquer lugar aonde nos envie, como se o próprio Jesus Cristo nos enviasse. Vós o representais sobre a terra”* (Coste IV, p. 68).

Com relação à comunidade das Filhas da Caridade, não dispomos, como na Congregação da Missão, de tantos documentos contendo referências ao envio das Irmãs a países de missão “ad gentes”. De qualquer forma, os que nos chegaram são eloqüentes e bastam para provar a vocação missionária internacional da comunidade. Em 1650, São Vicente comunicava às Irmãs: *“Eu sei, minhas filhas, que vos pedem a mais de seiscentas léguas daqui, e tenho cartas com esses pedidos; sim, pensam*

*em vós a uma distância de mais de seiscentas léguas; e se aí são rainhas que vos pedem, sei também de outras pessoas que vos pedem para além dos mares*” (Coste IX, 472). Com efeito, Maria Luisa Gonzaga, rainha da Polônia, havia pedido Irmãs que lhe foram concedidas em 1652; e o P. Carlos Nacquart suplicou a seu Superior Maior, em 1650, para enviar Irmãs a Madagascar (cf. Coste III, 541 que só foram enviadas dois séculos mais tarde, em 1897. No entanto, temos provas da boa disposição das primeiras Filhas da Caridade para partir para qualquer lugar do mundo, motivadas pela Caridade de Cristo.

Logicamente, a missão inerente a todo cristão pela unção recebida do Espírito e em particular aos que foram chamados para as pequenas comunidades vicentinas exige encher-se do Espírito de disponibilidade e de zelo apostólico. Que seriam da Missão e da Caridade sem esse Espírito evangélico? Daí a seguinte exortação aos padres da Missão: *“É preciso estar dispostos e preparados para ir e vir aonde praza a Deus, quer seja para as Índias ou a outra parte; enfim, dispor-nos voluntariamente para o serviço do próximo, para dilatar o império de Jesus Cristo nas almas. Eu mesmo, embora já esteja velho e de idade, não deixo de ter dentro de mim esta disposição e estou disposto mesmo a ir para as Índias para ali ganhar almas para Deus, embora tenha que morrer pelo caminho ou no barco”* (Coste XI, 402)<sup>2</sup>.

Com as Filhas da Caridade não era menos exigente em virtude da vocação missionária que elas haviam recebido; queria igualmente que fossem desapegadas de tudo, para ir e vir para onde fosse necessário: *“É assim que deveis proceder para ser boas Filhas da Caridade, para ir onde Deus quiser; se for para a África, para a África; para o exército, para as Índias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade deveis ir para ali”* (Coste IX, p. 128).

Quanto ao zelo apostólico, é preciso pedi-lo ao Senhor com ardentes súplicas: *“Peçamos a Deus que ele dê à Companhia este espírito, esse coração que nos faça ir a qualquer parte, esse coração do Filho de Deus, coração de Nosso Senhor, que nos dispõe a ir como ele ia e como teria ido se sua sabedoria eterna mandasse ir pregar a conversão para as nações pobres. Para isso enviou seus apóstolos; e nos envia como a eles, para levar o seu fogo em toda parte (cf. Lc. 12,49), esse fogo de amor e de temor de Deus a todo o mundo: à Barbária ,às Índias, ao Japão”* (Coste XI, p. 291). O Espírito nos inflame com o fogo de seu amor para que demos testemunho de Jesus Cristo com coragem e confiança. A Caridade, *“que não permanece ociosa, mas que nos conduz à salvação e ao consolo dos outros”* (Coste XII, p.265), nos envia pelo mundo como ao grupo dos Doze.

Após ter elogiado a vocação e missão específicas dos padres da Missão e das Filhas da Caridade, São Vicente chega à conclusão: *“nossa*

---

<sup>2</sup> São Vicente tinha setenta e seis anos quando exortava assim a seus missionários.

vocação consiste em ir, não somente a uma paróquia, nem só a uma diocese, mas por toda a terra. Para quê? Para abrasar os corações de todos os homens, fazer o que fez o Filho de Deus, que veio trazer fogo à terra para inflamá-la de seu amor. Que outra coisa poderemos desejar, senão que arda e consuma tudo?... É certo que não fui enviado só para amar a Deus, mas para fazê-lo amado. Não basta amar a Deus, se meu próximo não o ama" (XI,553). No mesmo sentido, dirá: "Que feliz, ó que feliz é a condição de um missionário que não tem mais limites em suas missões... que habita o mundo inteiro! Por que então restringir-nos a um ponto e impor-nos limites dentro de uma paróquia, se Deus nos deu uma tal extensão para exercer nosso zelo?" (Abely, livro II, p. 91).

Tal modo de pensar e de agir correspondia, como já dissemos, a convicções profundas de fé e amor à Igreja, cujo aprofundamento e expansão eram ardentemente desejados pelo Fundador da Missão. Daí insistir tanto com seus missionários: "Vede como os conquistadores deixam uma parte de suas tropas para guardar o que possuem, e enviam a outra para conquistar novos lugares e estender seu império. É assim que devemos fazer: manter aqui corajosamente os pertences da Igreja e os interesses de Jesus Cristo, e com isso trabalhar incessantemente para realizar novas conquistas e fazê-lo conhecido pelos povos mais distantes" (Coste XI, p. 355). Era assim que também se expressavam no século de São Vicente, todos os grandes gênios da Igreja e os mais comprometidos no campo das missões.

## 2. A missão como tarefa evangelizadora

O segundo grande sentido de "missão" realça o valor da obra evangelizadora realizada pelos enviados do Senhor. Os missionários ou apóstolos são enviados, precisamente, para evangelizar os pobres; seu compromisso ou missão no mundo consiste em "*proclamar o Evangelho a toda criatura*" (Mc. 16,15). Feito o envio, começa a evangelização que se expressa, de acordo com o que São Paulo havia ensinado: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Mas, como poderão invocar sem crer? Como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderão ouvir sem pregador? E como podem pregar se não forem enviados? Conforme está escrito: Quão maravilhosos são os pés dos que anunciam boas notícias!" (Rom 10,13-15).

Encontramos novamente dois pontos chaves do pensamento missionário de São Vicente, que dão múltiplos ensinamentos sobre os conteúdos da evangelização e dos principais destinatários da Boa Nova. Os autores sagrados, que lhe sugerem uma doutrina tão abundante, completam-se e apóiam-se uns nos outros, mas, agora é, sobretudo, São Lucas que lhe revela a fonte inspiradora. Se o evangelista João havia apresentado Jesus Cristo como o enviado do Pai e realizador do desígnio divino, São Lucas concretiza sua obra na evangelização dos pobres: "*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos*

*presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor*” (Lc. 4, 16-19). Eis a chave para entrar no mistério de Jesus, “que passou fazendo o bem” (At. 10,38). Jesus evangelizava os povos com palavras e obras, dando assim provas de sua condição messiânica e do conhecimento que tinha do Pai que o enviara.

São Lucas, por ser o evangelista dos pobres, é o preferido neste ponto concreto da tarefa evangelizadora da Caridade misericordiosa e da Igreja missionária, estendida em todo o mundo greco-romano. Ao lado de São Lucas aparece São Paulo, apóstolo inigualável. São Vicente se encontra com o Apóstolo dos gentios cada vez que faz a leitura dos Atos dos Apóstolos e de suas Cartas. A abertura da Igreja ao povo pagão suscitava em São Vicente os mais vivos desejos de consagrar também suas comunidades à evangelização dos pobres a exemplo e semelhança da primeira comunidade cristã que se distinguia por sua Caridade para com os necessitados.

### **O núcleo da Evangelização**

Para São Vicente, não há dúvida: *Evangelizar consiste em “dar a conhecer Deus aos pobres, anunciar-lhes Jesus Cristo, dizer-lhes que o Reino dos céus está próximo e que esse Reino é para os pobres”* (Coste, XII, p. 80). Tal formulação é inspirada na oração de Jesus: “Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo. 17,3). Por conseguinte, a evangelização deve tentar levar todos os homens ao pleno conhecimento da verdade que se encontra em Deus, revelada por seu Filho Jesus Cristo e, deste modo, alcançar a salvação.

Com palavras semelhantes às de São Vicente, o papa Paulo VI sublinhará, três séculos mais tarde, que “evangelizar é em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e direta, do Deus revelado por Jesus Cristo no Espírito Santo. Dar testemunho de que no seu Filho ele amou o mundo: de que no seu Verbo Encarnado ele deu o ser a todas as coisas e chamou os homens para a vida eterna” (Evangeli Nuntiandi, 26). Se analisarmos bem os elementos da evangelização aqui mencionados, não será difícil encontrá-los já em São Vicente, que além do texto citado há pouco, dá outros detalhes integrantes da evangelização.

Prova disto é a relação que faz das verdades fundamentais que não podem faltar nas catequeses missionárias do programa das missões populares e “ad Gentes”. Por outra parte, a verdade do Reino implantado por Jesus dá consistência à evangelização, porque é um Reino de justiça, de amor e de santidade: reino e evangelização avançam estreitamente unidos no momento de explicar seus segredos. Daí *“não basta fazer com que Deus reine em nós, mas é preciso que desejemos e procuremos que o Reino de Deus se estenda por toda parte, que Deus reine em todas as almas, que não haja mais que uma verdadeira religião na terra e que o mundo transforme sua maneira de viver, pela força da virtude de Deus e*

*pelos meios estabelecidos em sua Igreja; finalmente, que sua justiça seja buscada e imitada por todos com uma vida santa, e assim ele seja perfeitamente glorificado no tempo e na eternidade” (XI, 435).*

Interessantes são estes conselhos que o Fundador da Congregação da Missão dá aos primeiros missionários enviados a Madagascar, em carta dirigida ao Padre Carlos Nacquart a 22 de março de 1648. Entre muitos outros escolhemos os seguintes de caráter bem prático: “O principal do vosso estudo, após ter trabalhado para viver entre aqueles com quem vos deveis conservar em odor de santidade e de bom exemplo, é procurar que aquele pobre povo, nascido ignorando seu Criador, compreenda as verdades de nossa fé, não por razões sutis da teologia, mas pelo raciocínio tirado da natureza; pois é preciso começar por aí, tentando fazer-lhes compreender que só tentais desenvolver neles a presença que Deus lhes deixou de si mesmo, presença há muito tempo adormecida pela corrupção da natureza, habituada ao mal... Buscai na meditação as luzes que Ele vos dará, para mostrar a verdade primeira do soberano Ser e as conveniências do mistério da Trindade, a necessidade do mistério da Encarnação, que nos fez nascer, depois da corrupção do primeiro, um segundo homem perfeito, para reformar-nos e assemelhar-nos a ele” (Coste III, p. 281).

Estes conselhos de São Vicente nos lembram a já mencionada Exortação Apostólica do papa Paulo VI acerca das religiões não cristãs: “A Igreja respeita e estima estas religiões, porque elas são a expressão viva da alma de vastos grupos humanos. Elas comportam em si mesmas o eco de milênios de procura de Deus; procura incompleta, mas, muitas vezes efetuada com sinceridade e retidão de coração. Elas possuem um patrimônio impressionante de textos profundamente religiosos; ensinaram gerações de pessoas a orar; e, ainda acham-se permeadas de inumeráveis “sementes do Verbo” e podem constituir uma autêntica “preparação evangélica”, para usarmos a palavra feliz do II Concílio Vaticano, assumida aliás, de Eusébio de Cesaréia” (Evangelii Nuntiandi, 53).

## **Os principais destinatários da evangelização**

Centrado neste ponto, São Vicente distingue entre os mais destacados da “missiologia”: os pobres constituem incontestavelmente o grupo escolhido a quem a evangelização se dirige; são eles que necessitam dela mais do que ninguém, pois são os que mais têm fome do pão material e espiritual, os mais doentes, os mais ignorantes. Por isso é preciso ir, de preferência, aos pobres, como fez o Filho de Deus encarnado na natureza humana: “Nosso Senhor, ao que parece, quando veio a este mundo, escolheu como principal tarefa assistir e cuidar dos pobres” (Coste XI, p. 108). E mais: “Seus sentimentos mais profundos foram ocupar-se dos pobres para curá-los, consolá-los, socorrê-los e recomendá-los; neles é que punha todo o seu afeto. Ele próprio quis nascer pobre, receber os pobres em sua companhia, servir aos pobres, pôr-se no lugar dos pobres, até dizer que o bem e o mal que fazemos aos pobres ele considerava como feitos à

*sua divina pessoa. Que amor mais terno poderia demonstrar aos pobres? E que amor podemos ter por ele, se não amamos o que ele amou?... É amando os pobres que provamos o nosso amor por” (Coste XIII, p. 811).*

Este texto bastaria para iluminar a descoberta que São Vicente fez dos pobres em Cristo e de Cristo nos pobres. Ele os estimava a tal ponto que os chamava nossos “Senhores e Mestres”. Claro que a evangelização é dirigida a todos os povos e nações, sem nenhuma exclusão, qualquer que sejam sua cultura, raça, língua, cor e religião; mas os pobres são os primeiros chamados ao Reino de Deus e, antes de tudo, devemos ir a eles.

O exemplo de Jesus, ungido pelo Espírito para evangelizar os pobres, é decisivo para entender a missão evangelizadora da Companhia. Muito à vontade em sua vocação missionária, comenta São Vicente com especial interesse: “Nosso Senhor veio e foi enviado por seu Pai para evangelizar os pobres. *Pauperibus evangelizare misit me* (Lc. 4,18). *Pauperibus, aos pobres!... Nosso quinhão são os pobres. Os pobres! Que felicidade, senhores, que felicidade! Fazer o mesmo que Nosso Senhor fazia ao vir do céu à terra, e mediante o qual iremos da terra ao céu!”* (XII, p. 3-4). Aquilo a que se propôs o Senhor ao vir à terra, isso mesmo constitui a felicidade e a glória de São Vicente e de suas congregações, que podem dizer com São Paulo: “Ai de mim se não evangelizar” (1Cor. 9,16). A Companhia cumpre sua missão na Igreja e no mundo evangelizando os pobres. Comparem isto que São Vicente dizia às suas comunidades e o que afirma Paulo VI da Igreja em geral: “Evangelizar constitui, de fato, graça e vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus, perpetuar o sacrifício de Cristo na Santa Missa, memorial da sua morte e gloriosa ressurreição” (Evangelii Nuntiandi, 14).

Os pobres são a origem de nossa comunidade, para não dizer com mais exatidão que foi Deus quem deu origem à pequena Companhia para que se dedique à evangelização ou ao serviço integral dos pobres. Estes suscitaram uma mística que mantém as Filhas da Caridade no seguimento de Jesus para servi-lo na pessoa dos ignorantes, famintos, prisioneiros, dos nus ou de qualquer pessoa que sofra a mordedura da pobreza física, psíquica e moral. É certo que os missionários necessitam constantemente “*virar a medalha*” (XI,725) para reconhecer Jesus Cristo nesses pobres que, com freqüência, são grosseiros e não têm figura humana; mas é isso que constitui o melhor testemunho de sua credibilidade e de seu amor.

Se fixarmos nossa atenção no brasão tanto da Congregação da Missão como no da Companhia das Filhas da Caridade, encontramos patente sua missão evangelizadora com os pobres. O escudo da Congregação da Missão representa Jesus Cristo evangelizador cercado pela divisa escolhida pelo próprio Senhor: *Evangelizare pauperibus misit me*. Por sua parte, o escudo da Companhia das Filhas da Caridade

representa um coração rodeado de chamas onde se destaca um Crucifixo. Em torno esta divisa: *Caritas Christi urget nos* (cf. Cons. das Filhas da Caridade). Esta frase tirada de São Paulo, 2 Cor 5, 14, fala por si mesma e faz referência ao amor que deve manter unidas em Jesus Cristo, todas as que foram chamadas à Comunidade, para, em seguida, expressá-lo no serviço dos pobres.

### 3. A missão do céu

A missão do céu é a coroa imperecível com que Deus premia os seguidores de seu Filho, a glória sem medida. Com outras palavras, entende-se por “missão do céu” o estado de felicidade consumado que teve o seu começo na missão cumprida na terra. Deus concede essa bem-aventurança àqueles que se esforçam para fazer seu Filho Jesus Cristo conhecido e amado: “...a Missão do céu... é uma Missão de amor que durará eternamente..., onde todos os exercícios consistem em amar a Deus” (Coste XI, p. 145 e 148).

A felicidade que aguarda o missionário no céu não pode ser maior: *“Oh, Salvador, se houvesse vários paraísos, a quem os daríeis, senão a um missionário que se tenha mantido com reverência em todas as obras a ele confiadas e que não diminuiu em nada as obrigações de seu estado?”* (Coste XI, p. 93). Esse paraíso dependerá do amor com que se tenha vivido a missão durante o peregrinar terrestre, mas *“que proporção há entre o trabalho das missões que se fazem aqui e a alegria e recompensa eternas dos missionários que estão contigo, meu Deus?”* (Coste XI, p. 143). Certamente, não há comparação entre a herança do Reino concedida pelo Senhor a quem dá testemunhos de Caridade no mundo e o sacrifício que implica o cumprimento da missão na terra. Por outro lado, os missionários têm a bem-aventurança eterna assegurada porque *“morreram pela fundação de uma nova Igreja. Com efeito, são bem-aventurados porque salvaram suas almas ao doá-las pela fé e a Caridade cristã”* (Coste XI, p. 372).

São Mateus estabelece o fundamento evangélico desta bem-aventurança descrevendo o Juízo final: *“Vinde, benditos de meu Pai -dirá o Rei aos de sua direita-, recebei a herança do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo..., porque eu tive fome e me destes de comer, eu tive sede... era estrangeiro.. estava nu... doente e prisioneiro e me destes de comer, beber, me acolhestes, me vestistes e me visitastes...”* (cf. Mt 25,31-46). Guiado por este princípio de fé, *“aquele que pratica a Caridade deve esperar que a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, em recompensa, no dia do julgamento final, o fará ouvir aquelas palavras tão doces e misericordiosas : ‘Vinde, bendito de meu Pai, possuir o reino que vos está preparado, porque estive enfermo e me visitastes e me atendestes em todas minhas necessidades’* (Coste X, p. 417). Temos razões para *“agradecer a Deus pela graça de nos ter colocado neste estado de consagrados e de continuar na terra a missão do Filho de Deus*

e dos apóstolos. *Um dia, estaremos sentados com ele e seus apóstolos*" (Coste XI, p. 372).

### **Conclusão**

À luz da fé, nada há de mais elevado que a vocação missionária porque para isto o Filho de Deus veio à terra, para cumprir a missão de salvar ao mundo. Que outra missão os missionários teriam recebido? Se todos os cristãos foram ungidos pelo Espírito de Deus para pertencer ao Reino e dá-lo a conhecer aos outros, com particular motivo, os chamados a seguir ao Senhor nesta comunidade vicentina e a partir dela devem sentir, com maior satisfação, o gozo do apelo à missão evangelizadora. *"Que felizes serão os que puderem dizer na hora da morte aquelas lindas palavras de Nosso Senhor: 'Fui enviado para evangelizar aos pobres'"* (XI, 56). Deste modo, brota espontânea da boca de todos os Filhos a oração de seu Fundador:

*"Meu Deus, envia-me, estou disposto a ir a qualquer lugar do mundo aonde meus superiores creiam oportuno que vá a anunciar Jesus Cristo"*. (Coste XII, p. 241-242)

Padre Antonino ORCAJO, c.m.

*Sessão Missionária Internacional*

*Setembro de 2002*

## ***O que está em jogo na missão da Filha da Caridade***

Paris, 16 setembro 2002  
Irmã Pauline Lawlor, FC  
Província da Irlanda

### *Introdução*

Lendo algumas palavras pronunciadas por São Vicente sobre a missão, fiquei impressionada de ver quantas vezes ele utiliza a palavra “fogo”. Ele gosta de citar as palavras de Jesus:

**“Eu vim trazer o fogo à terra,  
e como desejaria que já estivesse aceso!”** (Lc. 12, 49).

Desejava enviar seus missionários levar este fogo divino, este fogo de amor, ao mundo inteiro.

Com uma grande humildade apresento-me hoje, diante deste grupo, sabendo que falo a Filhas da Caridade que levam nelas este fogo ardente e que têm uma experiência da missão bem maior do que a minha. Durante esta sessão vocês já escutaram muito mais coisas que aumentaram a chama deste fogo. Espero que estes pensamentos que vou partilhar com vocês -sobretudo a partir da minha própria experiência relida à luz de alguns escritos recentes sobre a missão, possam ajudá-las a refletir sobre sua própria experiência e a comunicá-la entre vocês, de maneira que a solidariedade que já experimentam no coração da missão comum seja fortalecida. Creio firmemente que todos somos missionários em virtude de nosso batismo. O Vaticano II sublinha que toda a Igreja é missionária. Esta mesma idéia se repete em nossas Constituições:

**“A Companhia é missionária por natureza”** (C. 2.10).

O documento conciliar **Ad gentes** (2) indica três tipos de atividades missionárias:

- a missão Ad Gentes: dirige-se a povos, a grupos, num contexto socio-cultural onde Cristo não é conhecido, ou melhor, onde comunidades cristãs tenham bastante maturidade para encarnar a fé em seu próprio ambiente e proclamá-lo a outros grupos.
- A preocupação pastoral dos fiéis
- os grupos que perderam, em seu conjunto, o sentido vivo da Fé e que vivem muito distante do Evangelho.

Falamos aqui principalmente da missão Ad Gentes, unida a uma preocupação pastoral dos fiéis. Muitos países de Europa pertencem à terceira categoria que, na minha opinião, é a que apresenta maior dificuldade, e que alguns missionários vindos das jovens Igrejas do Sul e do Leste já ajudam a re-evangelizar.

Pediram-me que lhes fale sobre as exigências, das convicções e do compromisso exigidas pela atividade missionária, assim como da formação. Começo pelas exigências.

## 1. Exigências

Estas, como cada uma de vocês sabe, podem ser muito diversas. Mencionarei algumas que conheci ou observei nos países que visitei, esperando que possam coincidir com suas próprias experiências e que vocês possam completá-las e partilhá-las com as outras Irmãs do grupo.

#### a) Adaptação a uma outra cultura

Isto se refere especialmente às Irmãs que acabam de chegar a um país “estrangeiro”. Vocês chegam cheias de boa vontade, mas se vêm tolhidas pelo desconhecimento total do que têm. Se for um país tropical e vocês vêm de um clima mais frio, percebem não ter a mesma energia que experimentavam em seu próprio país. Sem dúvida precisarão enfrentar mosquitos ou outros problemas de saúde. A língua é diferente; embora estando bem alertada para esta dificuldade, é frustrante não poder comunicar-se em profundidade com o povo. Tudo lhes parece estranho, mesmo a alimentação e podem ser tentadas a julgar segundo os valores de seu país de origem. Às vezes um sentimento de solidão as invade. Percebem que antes dominavam a situação, agora estão aprendendo. Desejam correr para o serviço dos pobres, mas aí também se sentem inaptas. Certamente tudo não é negativo. Vocês descobrem em sua pátria de adoção muitos costumes apaixonantes e belas qualidades e não cessam nunca de se admirar, pois cada dia revela alguma novidade. Estou tentando insistir sobre a necessidade da paciência com vocês mesmas, de tomar o tempo necessário para se adaptar e, sobretudo para aprender a língua. Vocês podem tê-la aprendido um pouco antes de chegar, mas a melhor maneira de prosseguir seu estudo é no próprio local. Vocês, na maioria, são missionárias experimentadas e já superaram largamente esta etapa, mas lembrem-se como foi no início e irão compreender melhor ainda as missionárias recém-chegadas. As Irmãs autóctones também aprenderão a paciência com as estrangeiras. Elas são geralmente muito generosas para ajudar na adaptação.. Um padre irlandês disse um dia na Nigéria: “Durante os cinco primeiros anos você busca conhecer o povo; durante os cinco anos seguintes, pensa que os conhece; durante os cinco últimos anos, sabe que não os conhecerá nunca”. Poderíamos dizer o mesmo às Irmãs dos países de missão quando vêm a nossos países. Tudo isto nos convida, pois, a uma compreensão, um respeito, uma paciência mútuos; trata-se de se descalçar ao entrar numa outra cultura, porque estamos em uma terra santa.

#### b) Sobrecarga de trabalho

Vocês vieram para servir os pobres, mas eles são tão pobres, e tantos! Suas necessidades são tão grandes que o que fazemos não é mais que uma gota d’água no oceano. Se você é enfermeira, pode ter necessidade de tomar decisões de vida e de morte, que jamais teria imaginado tomar em

seu próprio país. Se você é catequista ou educadora, pode sentir-se frustrada por sua incapacidade de se comunicar em profundidade, dado à ignorância da língua. No entanto, há uma grande satisfação em trabalhar ali onde se está. Há tanto que fazer e um campo tão extenso de atividade! Mas existe também o perigo de cair na heresia do ativismo. É preciso entender que nem Jesus curou todo o mundo. Suas curas eram sinais do Reino. Embora “deixando Deus por Deus” quando as necessidades dos pobres são urgentes, vocês devem impor limites e guardar tempo para o descanso, a oração e a vida de comunidade. A qualidade de seu serviço será melhor se fazem assim.

Um outro imperativo consiste em partilhar o trabalho. É preciso dedicar tempo e recursos para formar o povo do país para partilhar e continuar a obra. Um dia você pode ser mudada e convém, então, se perguntar: “Este serviço pode continuar sem mim?”. Em muitos países africanos e asiáticos a AIDs é endêmica. Isto parte o coração. Vocês podem fazer muitas coisas. Há, porém, muitos leigos bem qualificados em nossos países que estão dispostos a dar tempo no estrangeiro; eles podem levar uma dimensão nova à obra, mas por sua vez, podem também criar problemas. Em muitas missões, o povo do país é formado para ajudar em nossos serviços, ao mesmo tempo em que arranjam trabalho. Com frequência eles são mais aptos para compreender seus compatriotas.

### c) Recursos

Se estivermos verdadeiramente com os pobres, descobrimos que somos amplamente dependentes da ajuda estrangeira, para nossas obras. Isto é necessário em caso de extrema pobreza, como nas situações de guerra ou de fome nos campos de refugiados. Muitos doadores contam conosco para distribuir as ajudas, porque vêem que podem confiar em nós, o que exige que lhes prestemos conta estritamente. Somos obrigadas a distribuir o dinheiro ou qualquer outra ajuda exatamente àqueles aos quais estavam destinados. Desde a época de São Vicente e de Santa Luísa, esta era uma regra estrita da Companhia e uma obrigação de nosso Voto de Pobreza. Toda infração à confiança neste campo seria prejudicial para a Companhia e enfim para os pobres.

Na distribuição do dinheiro, vejo dois perigos: um é que mantenhamos o povo sob nossa dependência, em detrimento de sua dignidade. Nosso objetivo principal em circunstâncias normais deveria ser investir na promoção do povo. Pelo que conheço, é o que fazem, muitas Irmãs na Promoção da Mulher e em outros projetos similares. Como diz o provérbio: “Melhor do que dar o peixe é ensinar a pescar”. A educação dos pobres é uma boa maneira de romper o ciclo da pobreza.

Devemos perguntar-nos por que o povo é com frequência pobre, num país que é rico em recursos naturais. Sabemos até demais que o dinheiro não chega ao povo simples. Nesse caso, devemos ser a

consciência dos ricos e a voz dos pobres, esforçando-nos para fazer todo o possível para obter das autoridades estabelecidas que assumam suas responsabilidades. Às vezes isto é perigoso, e alguns dos que falaram em favor dos pobres pagaram com a vida (cf. Oscar Romero). Diz-se que os mártires de hoje são mártires pela justiça.

d) Vida de comunidade

A vida de Comunidade nas missões pode ser muito enriquecedora, especialmente quando a comunidade é formada por Irmãs de diversas nacionalidades. Isto pode ser também exigente e até dar lugar a incompreensões. Exige um esforço suplementar, mas vale a pena. Segundo minha experiência, estas dificuldades procedem mais da diversidade de caracteres que da diferença de nacionalidade.

e) Dificuldades procedentes da Igreja

Uma exigência de nosso carisma é trabalhar no contexto da Igreja local. Habitualmente, o clero nos apóia muito bem; mostra-se contente de ter Irmãs que se ocupem dos pobres. Ocasionalmente, encontramos padres que não compreendem nosso carisma e querem que os ajudemos em obras que, em nossa opinião, não são para os pobres. Nestes casos, devemos ser firmes. Finalmente, respeitarão nossa atitude e ficarão orgulhosos daquilo que é feito pelos necessitados.

f) Dificuldade para encontrar uma ajuda espiritual

É imperativo que sejamos pessoas profundamente espirituais, podendo alimentar nossa vida espiritual, com a Eucaristia e o Sacramento da Reconciliação, que nos devem ser acessíveis. Isto pode colocar-nos diante de um dilema, considerando que os verdadeiramente pobres freqüentemente estão em regiões muito afastadas, longe dos padres, e isto deve ser considerado pelos Superiores quando têm que discernir se pode ou não aceitar uma nova missão.

g) Outras exigências

Em muitos países hoje, a missão é vivida em condições particularmente difíceis. Há situações de guerra, de fome e de doenças. Isto é especialmente exigente quando guerra ou violência ocorrem em nome da religião. Este ponto será tratado em outra intervenção, por isso não preciso insistir.

## **2. Convicções e compromisso**

a) Visão

Cada uma de nós, quando se ofereceu alegremente para as Missões, desejava realizar um sonho. Poderia estar ligado ao desejo de propagar o Evangelho, de levar o amor de Deus aos pobres. Podemos passar por mudanças, em função das circunstâncias, da realidade de nossa missão, ou mesmo, com o passar do tempo e a multiplicidade dos apelos, perder nossa energia primeira ou entrar na rotina, diluindo o sonho. É preciso mantê-lo vivo: **“Quando não há visão, o povo não tem freio”** (Pr. 29, 18).

Diz-se que podemos suportar o **como**, se estamos convencidos do **porquê**. Há **“constantes”** que sustentam nosso impulso missionário, mas cada missão individual tomará sua direção específica de acordo com as circunstâncias em que se encontra. Somos uma comunidade para a missão, seja em nosso país ou fora, portanto o grupo deve partilhar uma mesma compreensão das razões de sua presença e daquilo que deseja realizar. Os aspectos variam segundo as necessidades do povo, mas continuará sempre sendo uma participação na missão de Jesus de estender o Reino de Deus.

Se esta visão vem do grupo, após uma escuta profunda das necessidades urgentes dos pobres, suscita energia e compromisso. Por outro lado, só haverá conformidade se for definida por alguém diferente ou retomada por uma comunidade precedente. Deve entrar nas vistas de Jesus, no Carisma da Companhia e no plano da Igreja local. Será revisada em sua maneira de agir quando as circunstâncias mudarem ou quando novos membros chegarem, com novas possibilidades. Os valores que a apóiam serão constantes, mas para que continue sendo uma fonte de inspiração, evoluirá com as mudanças, as necessidades, a fome e as aspirações dos pobres. Vocês integrarão tudo isto no projeto comunitário local, que deverá ser claro, realista, dinâmico, que cada uma fará seu e que será o trampolim para a ação.

Uma comunidade viva e ativa correrá risco de enfrentar novos meios para socorrer as necessidades em vez de ficar ao abrigo e em segurança. São Vicente dizia: “O Amor é inventivo até o infinito”. Se a energia de uma comunidade está orientada neste princípio, o resultado será vital para a comunidade e transformador para a sociedade. Cada Irmã se realizará dando sua contribuição específica ao esforço comum segundo seus próprios dons.

#### b) Jesus Cristo no centro do projeto de ação de cada grupo

Estar solidamente enraizada em Jesus Cristo é a chave de toda atividade missionária. É o coração de nossa vocação de Filhas da Caridade onde quer que estejamos: **“A regra das Filhas da Caridade é Cristo”** (C. 1. 5). Isto exige uma oração profunda e a contemplação do Cristo nos Evangelhos e na vida. Significa viver os valores de Jesus. Madre Teresa dizia que um missionário deve ser uma pessoa das Bem-aventuranças. Mesmo que as circunstâncias nos impeçam de falar de Jesus, o povo **“verá Jesus”** em nós, porque lhes transmitimos, através da vida, a experiência que temos dele. Seremos suas testemunhas, sendo

um Evangelho vivo. Refletiremos a presença amorosa, saudável e reconciliadora de Jesus para com o mundo, e esta é uma linguagem que todos podem compreender. Tudo isto está perfeitamente de acordo com nossas Constituições, que citam as Regras Comuns: **“O fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade é honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda caridade, servindo-o corporal e espiritualmente na pessoa dos pobres”** (C. 1. 4). O Papa João Paulo II, em Redemptoris Missio (90) diz: **“O verdadeiro missionário é santo”**. **“Todo o missionário só o é autenticamente, se se empenhar no caminho da santidade”**.

Uma palavra que aparece sem cessar na literatura moderna é: **“contemplação”**: contemplação de Cristo nos Evangelhos, na oração, e, para nós, contemplação de Cristo nos pobres. A missão, tal como a compreendemos não tem nenhum sentido se não brota de uma Fé profunda que impregna toda nossa atividade e é vivificada pela oração. Os apelos dirigidos ao nosso tempo e a nossa energia são numerosos, mas devemos evitar cair na armadilha do ativismo, guardando um equilíbrio em nossa vida, dedicando tempo para nos voltar calmamente para Deus na oração, assegurando-nos de que nossa vida em Cristo seja freqüentemente nutrida pelos Sacramentos, especialmente a Eucaristia, **“que é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força”** (Sacrosanctum Concilium, 10).

Outra razão para manter uma vida de oração profunda e de união com Deus é que muitas Irmãs trabalham em condições estressantes, às vezes lá onde a religião é causa de violência e onde a reconciliação parece humanamente impossível, ou ainda nos campos de refugiados onde as necessidades são desanimadoras. Encontram-se ali, diante de sua própria impotência e sabem que a missão não é tanto sua obra, mas de Deus através delas.

### c. Jesus e o Reino

Jesus estava ardendo de zelo pelo Reino de Deus seu Pai. Era o objetivo de sua missão na terra e o tema de uma grande parte de seu ensinamento, especialmente de suas parábolas: **“O Reino de Deus é semelhante...”**. A palavra “céus”, utilizada por São Mateus substitui a palavra “Deus” que os Judeus não queriam pronunciar por respeito, mas o Reino de Deus não está só nos Céus. Está aqui e agora, presente neste mundo, mas ainda não plenamente. Jesus rezou a seu Pai: **“Que o vosso Reino venha”** e se dedicou a transformar este mundo num lugar de justiça, de amor, de verdade e de paz. A definição da missão de Jesus poderia resumir-se nas palavras que pronunciou na Sinagoga no início de seu ministério público: **“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça**

**do Senhor**” (Lc. 4, 18). Chama cada uma de nós a continuar sua obra de transformação segundo nosso carisma e nossos dons individuais e o serviço que nos foi confiado. Algumas, como catequistas ou educadoras, têm o privilégio de anunciar diretamente a Boa Nova. Todas podem anunciá-la com seu testemunho. Antigamente, considerávamos a missão como o fato de converter, e é ainda válido, mas todas podem ser missionárias com sua vida. Mesmo onde as conversões são raras ou inexistentes, as Irmãs, mediante seu serviço generoso aos mais necessitados, proclamam os valores do Reino. Suscitam no povo questões como: “Por que fazem Isto?”. Quando as Irmãs da Nigéria começaram a trabalhar com os doentes mentais, o povo dizia: “**Por que perdem o seu tempo com estes inúteis?**” Hoje, admiram o que elas fazem e muitos desejam ajudá-las de uma forma ou de outra. Este tipo de evangelização é como o fermento. “**O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e pôs em três medidas de farinha, até que tudo ficasse levedado**” (Mt 13, 33).

#### d) Inculturação

Agora vocês estão familiarizadas com este conceito, que é uma das maiores orientações da missão da Igreja atual. Desde o Vaticano II, as missionárias são chamadas a discernir as “**sementes do Verbo**” na cultura em que trabalham. Todas vocês reconheceram os belos valores presentes nas culturas que as rodeiam: acolhida, hospitalidade, sentido de Deus e do sobrenatural, sentido da comunidade e da celebração, o respeito aos idosos. Isto é verdade na África e na América Latina. Na Ásia, temos o sentido da consciência mística e da harmonia, para citar apenas isto. Perguntamo-nos freqüentemente se essas culturas não estão mais próximas do Evangelho que a cultura do Ocidente. Os valores partilhados com o Evangelho devem ser reconhecidos, desenvolvidos, e **levados à maturidade em Cristo** “. Sem isto, a religião católica sempre continuará sendo considerada como qualquer coisa estranha. Não penetrará no coração nem no âmago da cultura nem influenciará a maneira do povo pensar, viver, sentir, agir e expressar-se . Isto se fará com o diálogo. A evangelização já não pode mais ser uma comunicação em sentido único, mas um diálogo de vida. De cada lado, trata-se de compreender o outro. Os valores autênticos da cultura são confirmados e integrados no Cristianismo e são elevados a um nível superior em Cristo, enquanto os valores do Cristianismo, introduzidos na cultura, renovam-na no seu interior. Claro, em cada cultura há elementos não compatíveis com o Evangelho, por exemplo: corrupção, opressão das mulheres e dos pobres. São como a cizânia que sufoca o bom grão e deve ser combatido. A inculturação é um processo lento, requer que os missionários estrangeiros e os do país ajam como colaboradores. Os missionários estrangeiros transmitem os valores do Cristianismo e da Companhia, encarnados inevitavelmente em sua própria cultura. As Irmãs autóctones absorvem seus valores. Porque sua própria cultura é parte delas, podem comunicar-se mais profundamente com o povo em sua própria língua. Requer-se permanentemente, ao mesmo tempo, das Irmãs do exterior e do próprio país, vigilância e discernimento. Nunca

esqueçamos que o Espírito Santo age em tudo isto, a Igreja local também, mas necessitam de nossa boa vontade e de nossa colaboração.

#### e) Solidariedade

A solidariedade: com outras palavras aparece com freqüência nas recentes reflexões sobre a atividade missionária. Primeiramente, há a solidariedade no fato de viver simplesmente no meio do povo, próximo dos que sofrem. As Irmãs, nos campos de refugiados, fazem-no certamente. Não se trata somente de uma aproximação de lugar, mas de atitude, de partilhar condições de vida e de sofrimento. Neste sentido a ajuda é considerada não como uma esmola humilhante, mas como uma partilha fraterna. Os grandes prédios apresentam um dilema. Com o aumento das vocações autóctones, necessitamos de mais edifícios. Em certos países devemos levantar muros para nos preservar dos ladrões armados. Essa é a realidade. Damos a impressão de ser uma Comunidade rica, uma Igreja rica?

Nosso acesso ao dinheiro, nos países de além mar, cria angústia em nossas Irmãs autóctones que não têm acesso às mesmas fontes para continuar a obra? Uma escola ou um colégio é aberto para os pobres. Tem tanto êxito que atrai os ricos e se converte num estabelecimento de prestígio. Temos a coragem de confiá-los a outros, quando é possível, e passar para uma obra mais simples para ficar mais perto dos verdadeiramente pobres? Nas missões e entre nós continuamos a revisão de obras. Observei grande coragem em algumas missões que visitei; nesses países, as Irmãs são realmente as servas dos mais pobres porque todas as obras que elas têm são para os mais pobres.

Conhecemos os efeitos da globalização da indústria e do comércio sobre os países de pobres que são explorados e afundam cada vez mais nas dívidas. Muitas vezes os pobres se vêem abandonados também por seu próprio governo. Nossa presença entre os necessitados permite-nos ser consideradas como a consciência dos ricos e a voz dos pobres? Por toda parte onde podemos, esforçamo-nos por fazer com que os governos e os organismos de decisão assumam suas responsabilidades com relação a seus concidadãos pobres? Vocês sabem muito bem que muitos dos que agiram assim perderam a vida. Os mártires de hoje são os mártires pela Justiça.

A idéia proposta pelo Papa João Paulo II com relação à globalização da solidariedade é que ninguém fique marginalizado. Os pobres não devem ser nem excluídos nem explorados. No plano internacional, vemos numerosos países sofrerem por causa de uma dívida externa paralisante. Durante o ano do Jubileu, países do mundo inteiro assinaram pedidos para obter o perdão dessa dívida. Alguns países credores responderam parcial ou totalmente, mas resta muito por fazer. Por outro lado, em muitos países possuidores de ricos recursos naturais, a riqueza não é equitativamente repartida. Devemos encontrar uma maneira vicentina de participar da luta pela justiça.

Estas são somente algumas idéias que podem inspirar o impulso missionário. Há muitas outras: a reconciliação, o restabelecimento da paz, as comunidades cristãs de base, etc... Não podemos fazer tudo, mas vocês saberão que orientações podem dar vida à missão lá onde vocês se encontram.

Antes de abordar a reflexão sobre a Formação, gostaria que pudéssemos partilhar algumas questões ou comentários decorrentes do que acabaram de ouvir.

### **3. Formação**

#### Formação das Irmãs autóctones

Muitos países missionários têm a bênção de contar com vocações autóctones e dão muita atenção à formação inicial. Durante o Seminário de 2000, as Diretoras de Seminário e Postulado receberam uma grande ajuda. Também gostaria de concentrar a atenção em dois aspectos:

- Formação na Comunidade Local
- Formação para o governo

#### a) Formação na Comunidade Local:

Quando a Irmã é enviada em missão sua formação continua na Comunidade local onde é colocada. O clima da Comunidade local é sem dúvida o elemento mais formativo neste momento. Assim como a Irmã responsável, a Comunidade inteira, pela maneira como vive e trabalha, e especialmente por sua fé e caridade nas relações, tem uma grande influência na Irmã jovem, e claro, sobre todos os membros. Exemplo é importante. A Irmã jovem se sentirá inclinada a fazer o que fazem suas Irmãs mais antigas.

As Irmãs Serventes são responsáveis pela preparação da Irmã para pronunciar os votos. Normalmente elas são pessoas muito ocupadas e estão com frequência comprometidas com outros serviços, mas a comunicação com as Irmãs jovens e as instruções sobre os votos são de suma importância. Em alguns casos, recentemente, vimos as tristes conseqüências de uma compreensão ou de uma assimilação incompleta dos votos de pobreza e de castidade consagrada.

A formação profissional é necessária, mas sempre para o serviço dos pobres. Onde é possível deveria ser dada no país de missão. Depois, quando a Irmã adquiriu maturidade e está bem enraizada no espírito da Companhia, uma formação suplementar ultramar pode ser conveniente para algumas.

#### b) Formação para o governo:

Como as vocações nos países do Norte e do Oeste estão em forte declínio, e estão florescendo no Sul e no Leste, é provável que as responsáveis congregacionais venham sem demora a estes países. Certamente as Irmãs autóctones já são Irmãs Serventes, Diretoras de Formação, Conselheiras e Visitadoras. Há agora as responsáveis potenciais nas comunidades, e embora não seja recomendável escolher pessoas individualmente, é necessário prever um grupo de "líderes" potenciais e lhes dar uma formação e uma experiência que as prepare para uma responsabilidade futura. Numa Companhia internacional como a nossa, e por causa da globalização crescente, a experiência internacional é valiosa para algumas. É o caso quando vemos Irmãs de diversos países prestando serviço na Casa Mãe e nas Províncias "parentes" dos países missionários.

c) Preparação de Irmãs missionárias:

As Irmãs que sentem uma vocação missionária são escolhidas com cuidado e preparadas em suas próprias Províncias. Quase todos os países têm agora cursos muito bons que dão uma teologia muito atualizada, bem como cursos de inculturação, especialmente na língua e costumes do país para onde vão as participantes.

Muito freqüentemente, chegando ao país, por causa da urgência das necessidades, as Irmãs são lançadas imediatamente no serviço dos pobres. Embora isto seja compreensível, não é o melhor meio para iniciar as Irmãs em uma cultura estrangeira. É preciso dar-lhes tempo para adaptação ao clima, à comida etc., mas é preciso também compreender que o tempo passado na aprendizagem da língua não é tempo perdido. A maioria dos países possui atualmente boas escolas e o tempo dedicado a instruir-se no país de missão produzirá muitos frutos depois.

d) Formação permanente para as missionárias:

Muitas vezes as Missionárias estão tão comprometidas com o trabalho que se descuidam de sua própria formação permanente. É necessário seguir os progressos da teologia da missão que evoluiu consideravelmente desde o Vaticano II. Caso contrário, comunicaremos um modelo ultrapassado de missão a nossos membros jovens, e isto pode ser prejudicial. É nosso dever para com os pobres, atualizar nossa formação profissional, através de cursos no país de missão ou em nossa Província de origem. Isto pode ser organizado durante nossas férias.

e) Missionárias de volta ao país:

Para aquelas que por uma razão qualquer devem voltar à sua Província de origem, é recomendado um período de adaptação. As

coisas mudaram enquanto a Irmã missionária estava fora, e freqüentemente o período de readaptação é pior que o tempo de adaptação nas missões. Atualmente há cursos que ajudam as pessoas a adaptar-se e os membros da Província de origem também podem ajudar as que retornam, escutando-as e apoiando-as , e acolhendo algumas idéias que podem ter trazido da missão.

Irmã Pauline Lawlor, FC  
*Filha da Caridade*

*Sessão Missionária Internacional*  
*Setembro de 2002*

## *A missão em situações de violência e de extrema pobreza*

Paris, 17 setembro 2002  
Irmã Wivine Kisu,  
*Conselheira Geral*

### *Introdução*

***“Sereis minhas testemunhas até os confins da terra”*** (At. 1, 9)

*“Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz”* (cf. Is. 52, 7). Proclamai o Reino da salvação a todos os povos, sereis minhas testemunhas por toda a terra, *“eis que eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”* (Mt. 28, 20).

*“Para serem verdadeiras Filhas da Caridade, devem fazer o que o Filho de Deus fez na terra. E o que fez Ele de modo particular?... Trabalhou incessantemente pelo próximo, visitando e curando os doentes, instruindo os ignorantes sobre a salvação”* (C. 2. 1). É uma grande tarefa fazer o que Jesus fez e fazer como ele fez.

Cristo, ao cumprir a missão confiada por seu Pai realiza esta passagem da Escritura cuja mensagem e conteúdo o evangelista Lucas nos revela: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres*” (Lc. 4, 19). Estes dois textos, que conhecemos muito bem, situam-nos no seguimento de Cristo, Filho amado do Pai, na missão que dele recebeu. E quem somos nós para ter a audácia de nos considerar Filhas de Deus, como Cristo, Filho de Deus e pretender realizar esta mesma missão? Só o amor louco e preferencial de Deus pela pessoa humana nos permitiu acreditar nisto e torna possível este encontro.

Em todos os tempos, a história nos mostrou que a missão inaugurada por Cristo ao revelar aos homens o amor infinito que Deus lhes dedica, sempre se realizou, excetuando raros momentos prósperos e serenos, num clima de tensão, incredulidade e inclusive de violência. A Missão começou sob a ocupação romana. Lembremos também que em várias ocasiões, os judeus quiseram atirar pedras em Jesus e precipitá-lo do alto do despenhadeiro, ou ainda o trataram de Belzebu.

As perseguições violentas que, **para contrastar** o anúncio da mensagem evangélica surgiram depois da ressurreição de Cristo, nos convencem desta realidade. Os Atos dos Apóstolos nos traçam o caminho desta aventura vivida pelos Apóstolos como testemunhas do Ressuscitado. Durante seu ministério, o Apóstolo Paulo, testemunha ocular, nos relata os diferentes momentos de violência que acompanharam a missão de Evangelização dos primeiros tempos da Igreja.

Sabemos que toda a vida da Igreja, nos diversos momentos de sua história, está repleta de testemunhos de homens e mulheres que levaram em seu corpo e em seu ser a missão do Mestre. Os Mártires da Igreja, os da Companhia em particular, nos revelam a amplitude desta realidade. Podemos citar entre outras: nossas Irmãs de Angers e de Arrás, da Espanha e da China, que também conheceram a prisão...

Como ontem, as situações em que a Companhia e cada uma de vocês vive a missão, fazem parte da história deste tempo. Assim, considero importante abrir uma janela sobre o panorama de nossa época.

## **1. RÁPIDO OLHAR SOBRE OS ACONTECIMENTOS DO FIM DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI**

O final do século XX e o início do século XXI estão marcados pelas grandes descobertas que permitem ao homem dominar certas situações da história e da natureza. As novas descobertas e êxitos tecnológicos e científicos, nos campos da informática, da comunicação, da medicina e da indústria submergem nossa humanidade numa espécie de euforia e de exaltação da inteligência do homem, de sua competência, sem muitas vezes ter idéia das questões reais de ética e sem nos perguntar que

conseqüências destrutivas resultam disso. Esta evolução da ciência e das novas tecnologias, cujos segredos só certos iniciados são capazes de penetrar, permanece difícil de controlar devido à rapidez cada vez maior do progresso e das descobertas realizadas.

Hoje, basta abrir qualquer endereço na Internet para receber uma série de informações que vão da mais simples, da mais banal àquelas duma complexidade e beleza que superam o entendimento dos leigos na matéria e, em certo sentido, chocam a mente de um grande número. Vejamos alguns exemplos:

Entremos no mundo dos astros: vivemos numa época extraordinária para o qual os grandes sábios do passado – Copérnico, Leonardo de Vinci, Galileu, Newton e tantos outros – teriam dado tudo para ser testemunhas. Durante milênios, nossos antepassados se viram limitados a contemplar o céu sem poder distinguir qualquer coisa sobre os planetas. Estes apareciam como manchas vagas e levemente coloridas. Agora, nestas últimas décadas, graças a “olhos penetrantes” de sondas espaciais, cada planeta tem mostrado seu verdadeiro rosto. Temos podido ver paisagens maravilhosas: *“Desde as terras arenosas da lua aos desertos avermelhados de Marte, os turbilhões multicores da atmosfera de Júpiter, os esplêndidos anéis de Saturno e as misteriosas atmosferas azuladas de Uranos e de Netuno, sem esquecer uma coleção de asteróides e de cometas. Quantos vales de vulcões e de formas geológicas de toda espécie, alguns dos quais de aspectos muito desconcertantes! Outros tantos mundos fascinantes...”*. Que caminho percorrido!

Por outro lado, os estudos científicos são de tal efervescência quanto à revolução das biotecnologias que transformam os setores agro-alimentícios, do ambiente e dos cosméticos!

Quanto à medicina, também avança a passos largos. Houve algumas descobertas especialmente nestes últimos 3 anos. Assinalemos algumas:

- K.O. O estreptococo: um kit de detecção da bactéria permite fazer em uma hora o que antes, exigia todo um dia inteiro. Este método poderia muito bem ser aplicado na detecção ou na identificação de outras bactérias.
- Utilização de um olho artificial eletrônico que não necessita de retina nem do nervo ótico. Esta câmera poderá devolver a vista a muitos cegos.
- Estabelecimento de um mapa genético humano, completo, graças às novas técnicas genéticas de manipulação da vida, sem fazer abstração de todos os estudos para responder aos problemas do câncer, da AIDS, das doenças de Creutzfeldt-Jakob e de Alzheimer...
- Clonagem de touros, de macacos e de cabras e quem sabe, do ser humano!

- Descobertas da existência de vida nas geleiras do Antártico... Aqui assinalamos que houve uma missão exploradora no Antártico Canadense para avaliar seu aquecimento que é três vezes mais rápido que o da média planetária.

O aquecimento do ártico, considerado como uma das primeiras conseqüências das mudanças climáticas figura no “Cimo da Terra” ocorrido em agosto, na África do Sul.

Sem entrar nas discussões relativas a toda a problemática da ética sobre as manipulações genéticas, é lindo constatar até que ponto esta parte da sabedoria de Deus é dada aos filhos dos homens.

Hoje, nesta corrida, que sem dúvida permitirá ao homem melhorar, um pouco, seu bem estar, inscrevem-se também grandes eixos que influem no curso da marcha de nosso planeta.

## **II. ALGUNS GRANDES MOMENTOS DA HISTÓRIA ATUAL DE NOSSO PLANETA**

### **1. A mundialização ou globalização**

Enquanto alguns lutam pela definição a dar a estes dois termos, não vamos entrar nesta polêmica, pois, na realidade, estas duas palavras têm o mesmo enfoque, o da economia mundial com todas as conseqüências que vocês já conhecem, segundo sua realidade em seu campo de missão.

A Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define a globalização como *“um processo mediante o qual o mercado e a produção nos diversos países do globo se fazem cada vez mais dependentes entre si, por causa da dinâmica da partilha dos bens, dos serviços e dos movimentos de capitais e tecnologias”*.

Sem pôr em dúvida o benefício que a mundialização pode levar um certo dinamismo ao campo da informática, da comunicação, e aguçar a solidariedade efetiva nos dramas que afetam os países, não deixa também de ser verdade que este fenômeno é uma espécie de despojamento, ou melhor, de opressão do economicamente poderoso sobre o mais fraco. Com efeito, a globalização econômica tem um impacto até nos mínimos rincões do planeta, ignorando a independência dos povos e a diversidade dos regimes políticos. Trata-se, de fato, de uma nova era de conquistas, cujos principais atores são empresas e conglomerados, grupos industriais e financeiros privados que tentam dominar o mundo. Parece que os donos da Terra nunca foram tão pouco numerosos nem tão poderosos e que esta concentração do capital e do poder se acelerou durante os últimos vinte anos, sob o efeito da revolução das técnicas da informação. Estes grupos estão situados na tríade Estados Unidos -Europa -Japão, a metade dentre eles nos Estados Unidos.

É-nos difícil, se não impossível, medir a impressionante destruição que acompanha esta conquista, com todos os sofrimentos sociais que dela resultam.: desemprego em massa, subemprego, precariedade de vida, exclusão. Só na União européia, pode-se contar: **18 milhões de sem emprego, 1 bilhão de desempregados e de subempregados no mundo..., sem contar com a exploração de homens e de mulheres e, mais escandaloso ainda, de crianças, avaliada em 300 milhões dentre elas, e isto em condições de grande brutalidade.**

Soma-se ainda a esta realidade, uma série de elementos que afetam profundamente a vida dos povos da terra e mais especificamente a dos países subdesenvolvidos ou os do Sul, a saber:

a) O saque planetário

Alguns homens, preocupados com o futuro de nosso planeta denunciam a ação dos grandes grupos industriais, comerciais e multinacionais que destroem o meio ambiente usando meios exagerados: as emissões de gás e de fumaça, a quantidade de plástico não biodegradável (sem possibilidade de reciclagem em muitos países do Terceiro mundo), a exploração abusiva da madeira na Amazônia, Nigéria, Camarões, Congo Brazza, República Democrática do Congo, Guiné... Estes grandes grupos tiram proveito das riquezas da natureza que são o bem-comum da comunidade, e o fazem sem escrúpulo e sem freio. A isto se acresce ainda o fato de que o mundo dos negócios e os grandes bancos obtêm lucros que ultrapassam um bilhão de euros por ano, mais que o produto nacional bruto (PNB) de um terço da humanidade.

Informações recolhidas nos mostram que a produção planetária de produtos alimentícios básicos representa mais de 110 % das necessidades mundiais, mas, **30 milhões de pessoas continuam morrendo de fome cada ano e mais de 800 milhões de pessoas estão sub-alimentadas.** Se em 1960, 20 % dos mais ricos da população mundial dispunham de uma renda 30 vezes mais elevada que a de 20 % dos mais pobres, **hoje, a renda dos ricos é 82 vezes mais elevada.** Em outras palavras, dos 6 bilhões de habitantes do planeta, apenas 500 milhões vivem no bem-estar, enquanto 5,5 bilhões passam necessidade. Entretanto, os bens da terra são bens de todos!

Pior ainda, as estruturas estatais, inclusive as estruturas sociais tradicionais são eliminadas. Em muitos países do Sul e em alguns do Leste, formam-se verdadeiras zonas de "sem direitos". Na Polônia, Algéria, Somália, nos dois Congos, Burundi, Colômbia, Filipinas ou Sri-Lanka... desenvolvem-se entidades caóticas, impossíveis de governar. Assim, alguns grupos de milícias, de saqueadores impõem sua lei, matando e roubando a população.

Portanto, não é estranho ver aparecer perigos, tais como: hiperterrorismo, fanatismos religiosos ou étnicos, proliferação nuclear, crime

organizado, redes mafiosas, especulação financeira, grande corrupção, extensão de novas pandemias (AIDS, vírus Ebola, mal de Creutzfeldt-Jakob, Alzheimer...), poluições de forte densidade, efeito da invernada, desertificação, sem esquecer as manipulações à força de publicidade e de seitas que distraem os cidadãos, desviando-os de suas ações cívicas e reivindicativas.

#### b) A “explosão” do mundo

Toda a situação descrita leva a mudanças que abalam as estruturas sociais e produzem uma autêntica explosão do mundo. Os conceitos: Estado, poder, democracia, fronteira já não têm o mesmo significado que há dez anos atrás. Três principais protagonistas estão surgindo:

- (1) associações de Estados que são Alena, União Européia, Mercosul, Asean... ;
- (2) empresas globais e os grandes grupos midiáticos ou financeiros;
- (3) organizações não governamentais (ONGs) de envergadura mundial (Green-peace, Anistia Internacional, Attac, Humans Rights Watch, World Wild Life, etc.). É neste quadro fixado pela organização mundial do comércio (novo árbitro do mundo) que estes três atores agem.

É importante perceber que hoje, firmas gigantes e globais controlam 70 % do comércio mundial. Diante dessas mudanças, grande número de dirigentes políticos se sente perdido e parcialmente impotente, porque os verdadeiros donos do mundo são para sempre os que detêm o poder econômico. Desde sua independência, dezenas de países estão mergulhados num subdesenvolvimento crônico e numa pobreza endêmica. Mesmo tendo as matérias primas, incluindo os “**hidrocarbures**”, não podem emergir dado que os preços destes caem continuamente.

## 2. Violência e guerra

Num sistema de economia mundial não baseado sobre o respeito à dignidade humana, à justiça e à solidariedade, nasce pouco a pouco um conjunto de prejuízos: perda da verdadeira identidade das pessoas, exclusão dos mais fracos, pobreza, corrida especulativa impulsionada pela Bolsa Internacional que conduz à lavagem de dinheiro (o da droga, dos desvios, da venda de armas ilícitas para aparatos bancários dos grandes deste mundo), assim como ao saque, ao roubo e à violência sob todas as formas.

O testemunho de John, um operário nigeriano, é expressivo: “Os crimes e os roubos encontram sua fonte no desemprego, na grande pobreza. Se você tem o que comer, não necessita roubar ou cometer atos de violência por dinheiro”.

Esta situação nos é lembrada continuamente pela mídia: imprensa, rádio, televisão etc. Há focos de violência um pouco por toda parte nos

diversos países de missão: enfrentamentos entre cristãos e muçulmanos nas Filipinas, na Indonésia, ao Norte da Nigéria (imposição da charia), insegurança muito acentuada por causa da malandragem (assaltos, roubos à mão armada: Congo Brazza, Camarões, R.D.C, Moçambique, Nigéria), assassinatos encomendados por homens políticos ou que detêm o poder econômico (Camarões, Nigéria, R.D.C., Madagascar, Haiti, Congo Brazza, Colômbia, Brasil, Cuba, Peru), massacres na Argélia, busca de autonomia e de independência no Timor Oriental, etc.

Em vários lugares da Terra a vida cotidiana se tornou infernal, a ponto de muitas pessoas, em particular os mais jovens fugirem do caos, da violência e emigrarem para regiões desenvolvidas e pacíficas. Na hora atual, o terceiro mundo como entidade política, em realidade, já deixou de existir. Nestes países, a economia se estanca, o caos se generaliza e não cessa de crescer; então, instala-se a violência quase endêmica.

À violência criada pelos homens junta-se à da natureza, como se esta se rebelasse contra o homem que, esquecendo sua missão de aperfeiçoar a criação (*"E Deus viu que tudo isso era bom"*), a destrói e desestabiliza. Assim, ele torna-se, hoje, responsável por tantos males e sofrimentos: seca, aquecimento do planeta, parte devido à poluição, parte aos desmatamentos. Seus efeitos são tais que os dirigentes do planeta sentiram necessidade de ressaltar a importância de um meio ambiente saudável, durante o Cimo celebrado há pouco em Johannesburgo, na África do Sul. Não podemos passar em silêncio os diferentes ciclones ou terremotos que assolaram certos países (Honduras, Peru, Madagascar, Turquia, Filipinas... ). Neste ano de 2002, 80 países sofreram inundações.

*"Desde 1989, fim da guerra fria, houve 60 conflitos armados que causaram milhares de mortes e mais de 17 milhões de refugiados".* Deste horror, as mulheres e as crianças são as primeiras vítimas: estas últimas utilizadas como soldados! Uma visão de conjunto nos ajudará a perceber a situação que hoje prevalece no mundo. Pouco depois do estabelecimento do Estado de Israel, começaram os conflitos com a Palestina, e estes dois países não chegaram a encontrar um espaço de entendimento para uma paz verdadeira. Angola esteve em guerra durante quase 30 anos. As conseqüências dramáticas na saúde das pessoas, sobretudo das crianças, nos são reveladas pelos meios de comunicação. Há muito tempo, Burundi vive uma espécie de conflito latente entre suas duas etnias, o Congo-Brazzaville desde 1992, Quênia... O ano de 1997 marcou o início de uma guerra entre a R.D.C e os rebeldes do país, Ruanda, Burundi, Uganda... É preciso ainda assinalar a guerra da droga na Colômbia. Há pouco tempo foi assinado o tratado de paz entre a Eritreia e a Etiópia

### **3. A extrema pobreza.**

Permitam-me mostrar-lhes algumas projeções. Elas dispensam qualquer comentário. Existe a pobreza por falta de dignidade do ser humano (falta de alimento, de vestuário, de instrução): a pobreza dos meninos de rua, dos trabalhadores mal remunerados, a pobreza extrema das mulheres exploradas, violadas, maltratadas; a pobreza por falta de estima, de consideração..., a pobreza espiritual. Para muitos, a pobreza chega ao extremo da miséria negra.

No entanto é preciso reconhecer o grande trabalho realizado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) no campo da Saúde, sobretudo no que se refere às enfermidades infantis. Por outro lado precisamos também render-nos à evidência de que o belo sonho dos “cuidados básicos de Saúde”, garantindo a “saúde para todos no ano 2000”, não tenha sido realizado e que numerosas crianças continuem morrendo de impaludismo (malária), por falta de tratamentos apropriados.

Como conseguir o mínimo de bem-estar, quando se está com a saúde debilitada? Como conseguir remédio quando não há trabalho, quando se é mal remunerado ou quando os camponeses não podem escoar seus produtos?

Como ter higiene necessária, se falta água potável ou simplesmente água?

Tantas perguntas sem resposta! A maioria dos homens políticos dos países pobres pensa mais em encher os bolsos do que em preocupar-se com o bem-estar de seu povo. Infelizmente, são com freqüência sustentados e mantidos no poder por aqueles que defendem os direitos do homem, estabelecendo uma certa negociação em prejuízo dos pequenos....

Eu vi pobres, por vezes famílias inteiras, dormir na rua, nas calçadas, com frio (Etiópia). Vi-os também todos amontoados num mesmo lugar: mendigos, doentes, inválidos físicos e mentais (Eritrêia). Vi-os agrupados como animais na colina, outros num recinto, num campo de refugiados, sem água e sem comida (Ruanda, R. D. C.). Sim, vi-os em casas feitas de papelão e pedaços de plástico, numa degradação inimaginável (Madagascar). Vi-os rejeitados pela sociedade porque são inválidos ou considerados como feiticeiros (Nigéria). Vi tantas crianças deixadas de lado, sem cuidados porque são excepcionais e atraem maldição (Camarões). Vi-os na rua, sem teto, sem escola, essas crianças “feiticeiras”, sem afeto.

Poderia continuar ainda minha enumeração: esses presos em celas insalubres, depois de torturados, esses índios em sua reserva (USA), esses meninos de rua (do Brasil, da Cidade Sol [Haiti] e outros lugares). Nós os vemos, temos estado a seu lado em todos os países do Sul, os países pobres, os países de missão: **“Os pobres são meu peso e minha dor”**, dizia-nos São Vicente.

No entanto, os pobres, os miseráveis sabem sorrir, rir, ser felizes com quase nada. O sorriso, a alegria são pouca coisa, mas são uma força extraordinária. Manifestam que rejeitam o fatalismo, cantam a

esperança escondida no mais profundo do ser: “amanhã será melhor porque Aquele que nos deu a existência não pode esquecer-nos”, dizem com frequência os pobres. Nisto, fazem sua esta promessa de Deus ao profeta Isaías: “*Pode uma mãe esquecer o filho de suas entranhas? Pois, embora ela o esqueça, eu, Deus, não o esquecerei*”. Com razão dizia São Vicente: é entre os pobres que se encontra a verdadeira religião. É assim que os pobres nos evangelizam!

E se às vezes estes pobres não chegam a esboçar um sorriso, é que seu sofrimento é tal, que lhes falta até a força para sorrir.

### Trabalho de grupo (1)

- Partilhar em seu grupo o que as interpela nestas situações
- Destacar o que parece mais de acordo com a sua missão [sua situação concreta]
- Escolher um testemunho para apresentar à assembléia [na sala].

## III. A MISSÃO VIVIDA NESTAS SITUAÇÕES

### 1. Introdução

É nestes contextos de tensão, de violência, de guerra, de estresse, de insegurança, de grande pobreza, inclusive de miséria, que cada uma de vocês, unida a suas Irmãs, quer ser e continuar sendo “*a imagem de Cristo no mundo dos pobres*” um raio de sol, de luz, um fogo que aquece. “*A Caridade de Cristo crucificado nos impele*” “*Caritas Christi urget nos*” (2 Cor 5, 14), tal é nossa divisa. Neste mundo ferido por tantos sofrimentos e contradições vocês querem ser presença viva da ternura, do amor e da misericórdia de Deus. Esta é a razão pela qual vocês foram enviadas, para que estejam lá onde o Senhor as plantou.

Várias vezes, vocês e suas Irmãs enfrentaram perigos, arriscando a vida pela missão. Nos períodos de conflitos, de guerra, de grande insegurança, apesar dos questionamentos, das hesitações, talvez de temores, de incompreensões, de desânimos... vocês tiveram força para permanecer no local. **Escutaram, serviram, estiveram com, amaram.** Ao longo dos dias, dos anos, vocês dão o melhor de si mesmas (a graça de serem cristãs, Filhas da Caridade, sua juventude, seus conhecimentos, seus talentos, vocês se deram a si mesmas...). Ah! “*Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz*” (cf. Is. 52, 7). “*Todo poder sobre o céu e a terra me foi dado. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*” (Mt 28,18-20).

### Trabalho de grupo (2)

- O que lhe permite manter a esperança nas situações descritas e naquelas em que você vive e serve os Pobres?
- Apresente, por ordem de preferência, 3 convicções ou meios que a mantêm nesta esperança.

**Anunciar a Salvação e a Paz** seguindo Cristo, o Missionário por excelência, é anunciar a Esperança, acender o fogo ou melhor ainda,, despertar o fogo do Amor que dorme no mais profundo do ser dos pobres. *“Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?”* (Lc. 24, 32). Ser missionária seguindo o Cristo é um desafio e a falta de radicalismo de vida com relação aos valores e componentes de nosso ser de Filhas da Caridade, servas dos Pobres, soa falso e se converte em obstáculo para o crescimento do Reino de Deus.

Face à realidade da missão, ser missionária representa um grande desafio para nós, Filhas da Caridade, na medida em que os Pobres, de maneira consciente ou inconsciente, esperam de nós algo mais para sua vida. Esse algo mais não é só de ordem material, mas também espiritual. O material, por si só deixa na pessoa um sentimento de vazio, difícil de preencher fora do essencial que é o Deus de Jesus Cristo para os cristãos ou o de sua crença para os outros. É um desafio que temos que enfrentar pela qualidade de nossa vivência e de nossa presença junto aos Pobres.

Alguns testemunhos denotam e mostram nossa dependência às vezes exagerada com relação aos bens materiais (cf. Mt 10, 8-10) e um ativismo que pode levar-nos a perder o Essencial. Certamente estes bens são necessários e indispensáveis, mas nós temos a missão de proclamar o Reino de Deus, Reino de liberdade e de curar, pondo a serviço dos outros, nossos talentos, nosso ser. (cf. C.2.1 ou São Vicente de Paulo, conferência de 05. 07. 1640).

Em sua homilia da solenidade de Pentecostes, a 3 de junho de 2001, o Papa dizia que **a santidade é condição prévia para a evangelização**. Isto significa que a santidade é um **caminho privilegiado** para nós, Filhas da Caridade. Temos que tornar visível e legível o que pretendemos ser. Nossas comunidades, como lugar teologal, têm que tornar presentes o amor de Deus, sua ternura, seu perdão, sua bondade e sua humildade. O Deus dos cristãos é o **Deus humilde** cujo poder se manifesta no **amor gratuito** por cada ser humano.

Nossa vida missionária está situada no coração da Igreja, como um elemento decisivo em sua missão. A força do testemunho é o cordão que arrasta o povo de Deus. Os Pobres têm necessidade deste testemunho. Com razão, *“Os Fundadores insistiram sobre a exigência de uma constante união a Deus para serem, em pleno mundo, testemunhas do amor de Cristo”* (C.1.9). Desta maneira a vida de nossas comunidades será configurada com a de Cristo e nos conduzirá a relações abertas aos outros, sem exclusivismo.

A diversidade internacional, multicultural é enriquecedora. Pode converter-se num fator de divisão, de opressão, de exclusão, se não criamos entre nós e em nossas comunidades, espaços para encontros, diálogo, partilha, escuta e acolhida. Se estivermos divididas, não damos testemunho da comunhão trinitária, não mais revelamos Cristo como centro de nossa existência e de nosso “estar juntas”. Assim, nosso compromisso apostólico perde seu valor e sua irradiação. **A unidade e a comunhão** comunicam dinamismo, mobilizam as energias, permitem revisar e discernir com audácia e prudência, a fim de atingir verdadeiras mudanças que comprometem e aumentam as possibilidades de crescimento, tanto da comunidade como de cada um de seus membros. Como Corpo de Cristo, somos vasos comunicantes que dão ou impedem a vida das outras partes do corpo. O mal que me cerca afeta também a vocês, já que fazem parte do mesmo corpo.

**Toda a nossa vida, até nos seus menores gestos e atitudes, é um ato de missão.** Para isso devemos **tornar-nos cada vez mais comunidades de perdão e de reconciliação.** E isto, ainda mais nos países onde existem tantas feridas como consequência dos diversos conflitos que destroem e afastam tribos e etnias.

### *Conclusão*

- Enviado pelo Pai, Jesus dirá: *“É preciso que eu vá também a outras localidades..., **foi para isso que eu vim**”.* Sim, a missão é antes de tudo um envio que necessita de uma saída para **ir ao encontro de...** esta exige sair e nos desapegar de nós mesmas para nos revestir do Espírito de Jesus, de seus sentimentos e de suas atitudes. Ele nos pede que aprendamos a olhar os pobres, o mundo em que vivemos com os olhos de Jesus Cristo.
- **Um certo despojamento** é vital para levar aos homens e mulheres de nosso tempo a extraordinária Boa Nova do amor que Deus lhes tem. **O envio e a saída para... atraindo a disponibilidade.** Não sou daqui nem dali, mas de toda parte onde Deus quer que eu esteja, dizia São Vicente. **Recebe-se a missão de Cristo através da Companhia, ela é uma célula viva, uma parte integrante de sua vida missionária.**
- O diálogo nos aproxima dos pobres. Abre-nos a **um melhor conhecimento do outro, de sua história e do que constitui sua vizinhança.** Isto exige conhecimento da língua, do meio para melhor captar as realidades e “o não dito” do “dito”. O diálogo nos introduz nos caminhos da **inculturação.**
- O Concílio Vaticano II, no n° 2 de *Lumen Gentium*, afirma que a Igreja é missionária por natureza. Assim, a missão é ato eclesial. Mais que uma atividade missionária, é “o próprio ser” da Igreja que nasce da missão do Pai, em Jesus Cristo com o Espírito Santo, Portanto, a missão suscita e exige o trabalho **com outros.** Devemos **cultivar e reforçar o sentido da colaboração. Não deixemos que**

**nossas comunidades caiam na armadilha do individualismo.** Um certo individualismo, mesmo inconsciente, nos conduz a trabalhar buscando sobressair, a apropriar-nos de um certo monopólio no serviço e a ser a única estrela que brilha. Esta atitude conduz à não aceitação da colaboração com os outros.

- **Ter fé numa pessoa nos dá ou nos devolve a Esperança.** A esperança é a trama fundamental da atitude do cristão, das Filhas da Caridade. A esperança não decepçiona. Cristo venceu a morte e com Ele, a vida se renova continuamente. Também devemos ter fé no outro, pois esta fé confirma nossa própria Fé, nossa confiança e nossa esperança em Jesus Cristo, Filho de Deus feito carne, para que, por nossa vez, sejamos filhos e filhas de Deus.
- **Só o amor é vida.** Amar, uma questão de vida ou de morte para toda pessoa e especialmente para nós, Filhas da Caridade. O Papa, em sua mensagem de aniversário do atentado de Nova York, dizia que **o amor é um meio para resolver os conflitos entre as pessoas, as nações.** Do amor, mais forte que o ódio, brotam a verdade, a justiça, a liberdade, a vida no sentido pleno do término.
- Para salvar a humanidade, Cristo se humilha até aceitar a morte de cruz. **A humildade, um dos sinais do amor, nos faz viver em verdade.** Ela nos ensina a afastar o olhar negativo sobre nossas Irmãs e os pobres, a não criticar, a amar de verdade. A humildade descentra de si mesma e constrói a unidade. Estabelece entre nós um clima de confiança, de simplicidade, de verdade, de relações francas e delicadas, de amizade verdadeira sem excluir ninguém.
- Si mantemos os olhos fixos em Jesus durante a nossa **vida de oração**, seremos capazes de ser, cada uma em sua comunidade, **sal da terra, luz e profeta** de nosso mundo **para anunciar Jesus Cristo e nada mais que Jesus Cristo.**

Nós somos, vocês são uma presença de Cristo, outro Cristo hoje, de que a missão e os pobres necessitam.

Gostaria de terminar esta partilha com o canto: *“Não tenham medo de viver no mundo. Deus nos precedeu. Não tenhamos medo de viver no mundo onde o próprio Deus se arriscou”.*

O Papa nos disse: *“Não tenham medo, entrem na esperança”.* Nossa esperança se baseia na fé, como acabamos de dizer, fé em Jesus Cristo feito carne, morto e ressuscitado. Estamos convictas de que a Redenção trazida por Cristo impregna toda a humanidade e que o poder das trevas jamais prevalecerá. Esta convicção é a luz que ilumina o mundo. *“Coragem, eu venci o mundo”*, disse Jesus (Jo. 16, 33).

A grande questão que domina minha vida continua sendo esta: **Como Vicente de Paulo pôde ter a audácia de interpelar os grandes**

**de sua época, de revolucionar certas concepções sobre a sorte do pobre, e por que nós, Filhas da Caridade, através do mundo não seríamos capazes de seguir o mesmo caminho ?**

Irmã Wivine KISU  
*Conselheira Geral*

*Sessão Missionária Internacional*  
*Setembro de 2002*

## ***Missão Vicentina e Igreja Local***

Paris, 18 setembro 2002  
Padre Fernando QUINTANO, c.m.  
*Diretor Geral*

### *Introdução*

O tema desta conferência, tal como está formulado no programa, mostra uma problemática muito real e concreta: a inserção das pessoas consagradas e, mais concretamente, da Companhia na pastoral da Igreja local (diocesana e paroquial).

Esta inserção necessária e urgente pode ser entravada tanto pelo modo de pensar e de agir do Pastor da Diocese e de seus Padres colaboradores, como pelas diversas congregações com seus respectivos carismas, presentes nesses territórios.

Em geral, esta inserção é uma realidade muito freqüente. É assim que as partes implicadas o reconhecem com alegria e reconhecimento. Mas, lamentavelmente, isso nem sempre ocorre. Basta recordar certas intervenções dos Bispos e Superiores maiores durante as sessões dos Sinodos sobre "a vida consagrada e sua função na Igreja e no mundo" (outubro 1994) e sobre "o Bispo servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo" (outubro-novembro de 2001). Das censuras lançadas mutuamente pelos Bispos e consagrados podemos deduzir que a adequada inserção tão desejada e urgente, nem sempre é uma realidade, e o que o Concílio Vaticano II desejou e impulsionou pelo Documento "Mutuae Relationes" (1978), pelo Direito Canônico (1983), pela Exortação "Vita Consecrata" (1996), pela Carta Novo Millennio

Ineunte (6 de janeiro de 2001) e mais recentemente pela Instrução " Partir de Cristo" (19 maio 2002) também nem sempre é uma realidade, pois existem ainda obstáculos a superar e caminho a percorrer para atingir o objetivo proposto e desejado.

O pensamento dos Fundadores da Companhia, as Constituições e Estatutos são claros quando explicitam os dois aspectos a considerar com relação ao tema de que falamos hoje: a inserção das Filhas da Caridade na pastoral da Igreja local e, ao mesmo tempo, a fidelidade ao espírito e ao fim apostólico que caracterizam a Companhia.

Minha intervenção compreende quatro partes. A primeira é eminentemente doutrinal. Lembrarei nela alguns textos eclesiais e os próprios das Filhas da Caridade que devem ser levados em conta para enfatizar corretamente o tema da inserção. Na segunda parte, enumerarei algumas censuras que os Bispos e Superiores Maiores fizeram-se mutuamente durante o último Sínodo, referindo-se à inserção na Igreja local. Finalmente, na terceira e quarta partes, enumerarei diversas situações que podem surgir e indicarei a maneira de enfrentá-las para conseguir a colaboração que deve existir entre os agentes da pastoral diocesana e paroquial, respeitando a diversidade de carismas que o Espírito Santo suscita na Igreja a serviço da unidade. A grandeza e a urgência da missão evangelizadora confiada a toda a Igreja são muito mais importantes do que certas situações que correm o risco de interferir e são ao mesmo tempo a melhor dinâmica para solucioná-las.

## I. PRESSUPOSTOS DOUTRINAIS

Recordemos em primeiro lugar os princípios evangélicos, teológicos e pastorais que devem inspirar e sustentar a colaboração da hierarquia, dos padres, dos consagrados e dos leigos na construção da Igreja e em sua missão evangelizadora.

### 1) Igreja Comunhão

Em sua carta, dirigida a toda a Igreja, por ocasião do encerramento do ano do Grande Jubileu (*Novo Millennium Ineunte*, 6 de janeiro de 2001), João Paulo II traçou linhas de ação que devem inspirar as programações pastorais da Igreja no início do terceiro milênio. Uma delas é a espiritualidade de comunhão: "*Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo*"<sup>1</sup>.

Antes de todo programa pastoral, é urgente que os padres, os consagrados e os leigos estejam animados de uma espiritualidade de comunhão. Que significa isto?: "... *ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz deve ser percebida também no rosto dos irmãos que estão em nosso redor... significa*

---

<sup>1</sup> N.M.I. nº 43.

*também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como 'um que faz parte de mim'... acolhê-lo e valorizá-lo como um dom de Deus... rejeitando todas as tentações egoístas que sempre nos atingem e geram competições, ativismo, suspeitas, ciúmes... Sem essa caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores de comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, que como vias para sua expressão e crescimento"<sup>2</sup>.*

A partir desta espiritualidade de comunhão deve-se compreender o serviço do Romano Pontífice, do colégio episcopal, dos Sínodos, bem como as relações entre Bispos, presbíteros, consagrados e leigos. Existem as comissões mistas formadas por Bispos e Superiores Maiores, os conselhos pastorais, diversas equipes e comissões para coordenar e reforçar estas relações. Os diálogos, a escuta recíproca e eficaz entre os Pastores e os fiéis evitarão tentações de arbitrariedade e pretensões injustificadas e fomentarão a confiança e o respeito à dignidade de cada membro do Povo de Deus<sup>3</sup>.

A espiritualidade de comunhão e os instrumentos que a concretizam e a reforçam são uma exigência do mandato de Jesus: *"Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros"*<sup>4</sup>.

## **2) Relações Mútuas**

A 14 de maio de 1978, a Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares e a Congregação para os Bispos publicaram um documento onde se estabelecem os critérios pastorais que devem orientar as relações entre os Bispos e os Religiosos na Igreja. Intitula-se "Mutuae Relaciones".

Este documento quis refletir sobre uma nova situação que estava ocorrendo na Igreja e iluminá-la. O Concílio Vaticano II havia insistido sobre dois aspectos, que ele havia motivado e que teoricamente estavam claros, mas no momento de praticá-los, estavam suscitando problemas: a inserção dos consagrados na pastoral nacional, diocesana e paroquial, por uma parte, e por outra, a fidelidade de cada congregação a seu carisma específico.

Esse documento tão necessário e esperado foi elaborado conjuntamente por Bispos e religiosos. Compreende duas partes: uma doutrinal e outra normativa. Elas esclarecem a missão do Bispo e da vida consagrada, as relações mútuas, a isenção, a necessária coordenação que considera, tanto a vitalidade da Igreja diocesana como a fidelidade ao carisma de cada congregação. Por isso é preciso favorecer o diálogo e a colaboração mediante a Comissão Mista dos Bispos e dos Superiores Maiores. A confiança recíproca, o respeito pelo papel de cada um, a busca em comum da vitalidade da Igreja local e dos

---

<sup>2</sup> N.M.I. nº 43.

<sup>3</sup> cf. N.M.I. nº 45.

<sup>4</sup> Jo. 13, 34-35.

diversos carismas são os critérios que devem orientar essas relações mútuas. O *Código de Direito Canônico* publicado em 1983 retoma em grande parte a doutrina e a norma de "Mutuae Relationes".

Já faz um quarto de século que este documento apareceu. Hoje vivemos novas situações na Igreja. Bastaria pensar na importância dos leigos, na sensibilidade face ao papel da mulher no mundo e na Igreja, nos novos movimentos apostólicos, na falta de vocações para o sacerdócio e para a vida consagrada etc. Por estas e tantas outras razões, estão se ouvindo vozes que pedem uma revisão e atualização de "Mutuae Relationes".

### 3) "Vita Consecrata"

O segundo capítulo da Exortação Apostólica de João Paulo II sobre a vida consagrada (25 de março de 1996) tem por título: "Sinal de fraternidade", e por subtítulo "A vida consagrada como sinal de comunhão na Igreja". A Exortação dedica vários parágrafos à comunhão eclesial entendida como "*um modo de pensar, falar e agir que faz crescer em profundidade e extensão a Igreja... a comunhão gera comunhão e reveste essencialmente a forma de comunhão missionária*"<sup>5</sup>. Apresenta os diversos fundadores e fundadoras como um exemplo de "sentir com a Igreja" a quem as pessoas consagradas devem constantemente referir-se para resistir às forças destrutivas que atuam em nossos dias. Esse "sentir com a Igreja" se expressa na adesão de espírito e de coração ao magistério do Papa e dos Bispos e pela colaboração apostólica<sup>6</sup>. Os diferentes carismas das diversas congregações são dons do Espírito Santo em vista do bem de todo o Corpo místico a cuja edificação devem servir. O Papa reconhece que sem a colaboração dos consagrados teria sido impensável "*a vigorosa difusão do anúncio evangélico, a sólida radicação da Igreja em muitas regiões do mundo, e a primavera cristã que hoje se registra nas jovens Igrejas*"<sup>7</sup>.

Depois de ressaltar a contribuição da vida consagrada à missão da Igreja universal, a Exortação passa a destacar a importância da colaboração das pessoas consagradas nas Igrejas particulares para o desenvolvimento da pastoral diocesana. "*Por isso é pedido aos Bispos acolham e estimem os carismas da vida consagrada, dando-lhes espaço nos planos de pastoral diocesana*"<sup>8</sup>. Do mesmo modo, o bispo "*é pai e pastor da Igreja particular inteira. Compete-lhe reconhecer e respeitar, promover e coordenar os vários carismas... para que, em comunhão com a Igreja (as pessoas consagradas) se abram a perspectivas espirituais e pastorais que correspondam às exigências do nosso tempo*"<sup>9</sup>. Ao mesmo tempo, pede às pessoas consagradas para não deixar "*de oferecer generosamente a sua colaboração à Igreja particular segundo as próprias forças e no respeito do próprio carisma,*

---

<sup>5</sup> V. C. 46, a.

<sup>6</sup> cf. V. C. 46-47.

<sup>7</sup> V. C. 47 a.

<sup>8</sup> V. C. 48 c.

<sup>9</sup> V. C. 49 a.

atuando em plena comunhão com o Bispo no âmbito da Evangelização, da catequese e da vida das paróquias"<sup>10</sup>.

Para obter essa colaboração no campo pastoral, é preciso favorecer o diálogo entre os Superiores Maiores das diversas congregações presentes em cada diocese e os Bispos respectivos, bem como o conhecimento da vida consagrada por parte dos padres diocesanos, da teologia da Igreja particular e da espiritualidade do clero diocesano por parte das pessoas consagradas<sup>11</sup>.

"Vita Consecrata" também trata o tema da isenção e da justa autonomia das pessoas consagradas orientadas para a total conservação de seu patrimônio espiritual e apostólico. O bispo deve aceitar e salvaguardar essa isenção. Os consagrados não podem invocar sua autonomia e isenção para tomar decisões que contrastem com as exigências de comunhão orgânica. É preciso inserir e realizar as iniciativas pastorais num diálogo aberto e cordial<sup>12</sup>: *"Elementos importantes para uma tal inserção dos Institutos no processo da nova evangelização são a fidelidade ao carisma de fundação, a comunhão com quantos na Igreja estão empenhados no mesmo empreendimento, especialmente com os Pastores, e a cooperação com todos os homens de boa vontade"*<sup>13</sup>.

A Exortação destaca também a importância da relação espiritual e a mútua colaboração entre as diversas congregações presentes em cada diocese ou paróquias, como expressão e estímulo da unidade e da fraternidade que devem reinar entre os outros componentes eclesiais<sup>14</sup>. *"Os desafios da missão são tais que não podem ser eficazmente enfrentados, tanto no discernimento como na ação, sem a colaboração de todos os membros da Igreja. Difícilmente o indivíduo isoladamente possui a resposta decisiva: esta, ao contrário, pode brotar da confrontação e do diálogo"*<sup>15</sup>.

#### 4) Novo Milênio Ineunte

Além do que já foi lembrado anteriormente sobre a Igreja comunhão, a Carta de João Paulo II sobre o terceiro milênio oferece outras prioridades pastorais para toda a Igreja. E acrescenta: *"É nas Igrejas locais que se podem estabelecer as linhas programáticas concretas... que permitam levar o anúncio de Cristo às pessoas, plasmar as comunidades, permear em profundidade a Sociedade e a cultura"*<sup>16</sup>. A comunhão é outro aspecto ao qual devem aplicar-se tanto a Igreja universal como as Igrejas particulares. *"Ao realizar esta comunhão de amor, a Igreja manifesta-se como "sacramento", ou sinal e*

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> cf. V. C. 50 a.

<sup>12</sup> cf. V. C. 48 c, 49 b.

<sup>13</sup> V. C. 81 b.

<sup>14</sup> cf. V. c. 52.

<sup>15</sup> V. C. 74 a.

<sup>16</sup> N.M.I. n° 29.

*instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano... No novo século a Igreja também terá necessidade de muitas coisas para sua caminhada histórica, mas, se faltar a caridade, tudo será inútil*<sup>17</sup>. "Por isso é necessário que a Igreja do terceiro milênio estimule todos os batizados e crismados a tomarem consciência de sua responsabilidade ativa na vida eclesial"<sup>18</sup>.

## **5) A Instrução "Partir de Cristo"**

O documento mais recente que inclui também algumas reflexões sobre o tema desta conferência é a Instrução da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, intitulada "*Partir de Cristo*" (19 de maio de 2002). Encontram-se no final da IIIª parte com o subtítulo "em comunhão com os Pastores".

*Alguns de seus parágrafos dizem: "Não se pode contemplar o rosto de Cristo sem vê-lo resplandecer no de sua Igreja.... Os documentos eclesiais dos últimos decênios retomaram constantemente o ditame conciliar que convida os Pastores a valorizar os carismas específicos na pastoral de conjunto. Ao mesmo tempo animam as pessoas consagradas a dar a conhecer e oferecer com clareza e confiança próprias propostas de presença e de trabalho, em conformidade com a sua vocação. Isto vale de alguma maneira, também nas relações com o clero diocesano. A maioria dos religiosos e das religiosas colaboram quotidianamente com os sacerdotes na pastoral. É indispensável, portanto, dar curso a todas as iniciativas possíveis com vistas a um conhecimento e a uma estima recíprocos sempre maiores"*<sup>19</sup>.

## **6) Documentos pós-sinodais**

Não quero concluir este parágrafo dedicado aos textos eclesiais sem fazer alusão aos Documentos pós-sinodais sobre a Igreja dos cinco continentes. João Paulo II, em sua carta do terceiro milênio escreve: "*Por isso, exorto vivamente os Pastores das Igrejas particulares, valendo-se do contributo das diversas componentes do povo de Deus, a delinear confiadamente as etapas do caminho futuro, sintonizando as opções de cada Comunidade diocesana com as das Igrejas limítrofes e as da Igreja universal. Tal sintonia será certamente facilitada pelo trabalho colegial, que já é habitual, realizado pelos Bispos nas Conferências Episcopais e nos Sínodos. Porventura não foi este também o motivo das Assembléias continentais do Sínodo dos Bispos que marcaram a preparação do Jubileu, elaborando válidas diretrizes para o anúncio atual do Evangelho nos múltiplos contextos e nas diversas culturas? Este rico patrimônio de reflexão não deve ser esquecido, mas levado à ação concreta*"<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> N.M.I. n° 41.

<sup>18</sup> N.M.I. n° 46.

<sup>19</sup> *Partir de Cristo*, n° 32

<sup>20</sup> N.M.I. n° 29.

Os respectivos Documentos sobre a Igreja nos cinco continentes e a Carta do Papa sobre o terceiro milênio inspiraram os planos de pastoral elaborados por cada Conferência Episcopal para os próximos anos.. Estes planos, por sua vez, inspiraram os projetos de pastoral de conjunto de cada diocese e paróquia. Nos Projetos Provinciais e nos de cada comunidade local de Filhas da Caridade devem ressoar as prioridades, os objetivos e linhas de ação estabelecidos e concretizados nos planos pastorais nacionais, diocesanos e paroquiais.

## 7) Pensamento dos fundadores

São Vicente e Santa Luisa são os iniciadores de um projeto pastoral e social que se realizaria com a colaboração dos missionários, as Filhas da Caridade e as confrarias: sacerdotes, consagradas e leigos empenhados na única empresa do serviço corporal e espiritual dos pobres.

A Companhia não nasceu com um projeto pastoral próprio. as Filhas da Caridade se inseriram nas paróquias como "apóstolos da caridade" para encarnar ali o "evangelium caritatis". É o carisma específico que trazem para o projeto pastoral da Igreja local. As palavras de São Vicente, que a Companhia considera como "sua carta magna", dirigiu-as precisamente às Irmãs enviadas a servir aos pobres nas paróquias. Por essa razão "terão por capela a Igreja da paróquia" e se considerarão "filhas da paróquia".

Os fundadores fomentavam ao mesmo tempo a inserção na pastoral local e a fidelidade ao espírito e à finalidade das instituições que fundaram. Pedia às Irmãs *"recebessem com humildade os conselhos e correções do Bispo"*. Pede igualmente aos missionários, obediência aos senhores Bispos e aos vigários e não fazer nada sem seu consentimento<sup>21</sup>. Até pensou em um quinto voto para os missionários: *"A obediência a nossos senhores os Bispos nas dioceses em que nos encontremos"*. Considerar-se-ão como *"da Ordem de São Pedro"* .. Por isso *"dedicar-se-ão inteira e exclusivamente à salvação do pobre povo sob o beneplácito dos prelados no território de sua diocese"* e *"a demonstrar muita honra e respeito aos senhores vigários dos lugares onde formos enviados;a não empreender nada contra seu gosto, nem mesmo sem comunicar-lhes, sobretudo nas coisas importantes"*<sup>22</sup>. As Regras Comuns da Congregação da Missão dizem: *"Prestaremos também humilde e fielmente obediência aos senhores Bispos em cujas dioceses está estabelecida a Congregação. Além disso, não faremos nada nas Igrejas paroquiais sem permissão dos vigários"*<sup>23</sup>. As Regras Comuns das Filhas da Caridade exigem também obediência e respeito aos vigários e outros eclesiásticos<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> cf. *São Vicente*, XI, 692-693; Conferência de 19 de dezembro de 1659.

<sup>22</sup> *São Vicente*, XI, 30; Retiro anual de 1635.

<sup>23</sup> *Regras Comuns*, V, 1; XI, 5.

<sup>24</sup> cf. R.C. IV, 3.

São Vicente não gostava de aceitar paróquias<sup>25</sup>, mas também não as excluía<sup>26</sup>, embora impusesse condições para aceitá-las<sup>27</sup>, entre outras, que o Superior (Visitador) pudesse dispor do missionário que o Bispo havia nomeado vigário e propor algum outro para substituí-lo<sup>28</sup>.

## 8) As Constituições e Estatutos da Companhia

As Constituições e Estatutos traduzem fielmente o pensamento dos fundadores que acabamos de lembrar. Os textos referentes à inserção na pastoral da Igreja local são numerosos. Recordemos alguns.

As Filhas da Caridade “*colocam-se a serviço das Igrejas locais*”<sup>29</sup>. Cada comunidade estabelece seu projeto comunitário “*em referência à missão confiada pela Igreja local*”<sup>30</sup>. “*Nas dioceses (A Companhia) participa, de acordo com seu espírito próprio, da pastoral estabelecida pelos Ordinários do lugar e da vida da Igreja local*”<sup>31</sup>. “*O Projeto Provincial é elaborado em fidelidade ao carisma dos Fundadores, segundo as orientações pastorais da Igreja*”<sup>31</sup>. “*Colaboram com as forças vivas da Pastoral do lugar e fazem o possível para promover e estimular os leigos responsáveis*”<sup>32</sup>. “*A missão passa a través das atividades concretas que as inserem profundamente entre os contemporâneos... Espera-se de sua parte uma colaboração leal, espírito de partilha e dinamização dos valores que a Companhia procurar viver. A cooperação com Instituições particulares ou públicas permite, através de melhor serviço, dar testemunho evangélico mais amplo*”<sup>33</sup>

Em outros parágrafos alude à “*atenção aos apelos da Igreja*”<sup>34</sup>, às “*orientações da Igreja local*”<sup>35</sup>, “*dar testemunho da universalidade da Igreja e da Companhia*”<sup>36</sup>

## 9) A isenção

---

<sup>25</sup> cf. *São Vicente*, II, 209; VII, 155.

<sup>26</sup> cf. *São Vicente*, VII, 220.

<sup>27</sup> cf. *São Vicente*, V, 179-183.

<sup>28</sup> cf. *São Vicente*, V, 179, 183-184.

<sup>29</sup> C. 2. 10 § 4º.

<sup>30</sup> C. 3, 46.

<sup>31</sup> E. 51.

<sup>32</sup> E. 5 § 2º.

<sup>33</sup> E. 4.

<sup>34</sup> C. 3, 43.

<sup>35</sup> E. 2.

<sup>36</sup> E. 6.

As Constituições, em seu capítulo sobre "A Companhia na Igreja", a definem como "*Uma Sociedade de vida Apostólica... de direito pontifício e isenta*"<sup>37</sup> e as próprias Constituições e o Léxico explicam a finalidade e a extensão da isenção. Encontramos uma explicação mais detalhada nas Diretrizes da Visitadora e seu Conselho", p. 79-86.

A isenção é uma concessão da Santa Sede à Companhia, em tudo que se refere ao governo e regime interno que não depende da jurisdição do Bispo diocesano mas está sob a autoridade do Romano Pontífice e dos Superiores da Companhia. A finalidade da isenção é favorecer a autonomia interna da Companhia para que ninguém atente contra a fidelidade do seu carisma próprio nem contra seu patrimônio espiritual e material<sup>38</sup>. Igualmente, para que permaneça em total disponibilidade ante as possíveis necessidades e apelos da Igreja universal.

A Companhia, no que se refere ao apostolado e à pastoral, fica sob a jurisdição do Bispo. Por isso deve acolher suas indicações sobre a pastoral diocesana, colaborar para a caridade eclesial e a comunhão com todo o povo de Deus. Caridade e comunhão que se traduzem em amor, aceitação e respeito à autoridade. A isenção não é para se livrar da autoridade nem para favorecer a independência ou a indiferença, e, menos ainda, a confrontação teórica e prática com a Hierarquia. Por sua parte, os Bispos devem respeitar essa autonomia interna da Companhia e fomentar a vitalidade de seu carisma próprio.

Tanto os que governam a Companhia como o pastor da diocese devem buscar simultaneamente a inserção na pastoral diocesana e a fidelidade ao espírito e à finalidade que a caracterizam na Igreja.

## II. SITUAÇÕES DE CONFLITO MAIS FREQUENTES

Os ensinamentos e orientações evangélicos da Igreja e da Companhia sobre o tema que nos ocupa são claras. A missão confiada e a primeira motivação que impulsionou as Irmãs missionárias ao deixarem tudo para ir por toda parte, constituem o apelo especial para a *missão "ad Gentes"* à qual responderam com generosidade. É preciso pensar o mesmo dos outros agentes evangelizadores com os quais se encontram. Mas, na realidade, o que ocorre muitas vezes? Ignoram-se estes ensinamentos e orientações ou não se age de acordo com eles; tanto

---

<sup>37</sup> C. 1, 13.

<sup>38</sup> Durante o século XIX houve várias tentativas de colocar as Filhas da Caridade sob a autoridade dos Bispos e subtraí-las à do Superior General da Congregação da Missão. Estas partiam do Cardeal Manning, Arcebispo de Westminster, Dom Alemany, Bispo de São Francisco e outros durante o Concílio Vaticano I. Queriam que fossem consideradas como religiosas, que não fossem isentas, poder intervir no regime interno, nomeação das Superiores, dispor dos bens da Companhia, nomear os confessores, fazer as Visitas Canônicas etc. A defesa feita pelo Padre. Fiat sobre a identidade e a particularidade jurídica das Filhas da Caridade foi confirmada por um decreto do Papa Leão XIII e a Congregação de Bispos e Regulares (8 de Julho de 1882): "*Nada deve mudar no governo das Filhas da Caridade que indultos pontifícios pertence ao Superior Geral*".

por autoritarismo, individualismo ou por falta de coordenação, de diálogo etc., surgindo obstáculos, confusão de papéis e tensões entre os diversos agentes evangelizadores.

Lembremos algumas dessas censuras ouvidas durante o Sínodo, tanto por parte dos Bispos como dos consagrados. Encontramos os mesmos obstáculos enumerados por alguns vigários diante de certas ações das comunidades de consagrados/as implantadas em seu território, bem como pelos consagrados a seu respeito.

### **1) Dos Bispos à vida consagrada**

- Não se inserem na pastoral da Igreja local.
- São mais preocupados e atentos às obras de sua congregação do que às necessidades da diocese e da paróquia.
- Consideram-se uma super-Igreja como se fossem os únicos a possuir a dimensão profética e carismática.
- São independentes e auto-suficientes, colocando a fidelidade a seu carisma específico à frente da colaboração com o plano pastoral e as necessidades da Igreja local.
- Nos seus ensinamentos e publicações apresentam críticas e mesmo expõem doutrinas contrárias ao magistério.
- Priorizam a promoção social sobre o anúncio explícito do Evangelho.
- Proclamam a inculturação, mas continuam dando uma imagem de Igreja poderosa e estrangeira.
- Comprometem-se social e politicamente sem o devido discernimento.
- A partir de uma compreensão incorreta da isenção, favorecem obras caritativas ou associações apostólicas próprias, sem coordenação ou em concorrência com as já existentes na diocese e na paróquia.
- Há mudanças das pessoas consagradas a quem foi confiado um serviço importante a nível diocesano ou paroquial porque seus superiores necessitam delas para outro serviço em sua congregação, e isso sem diálogo prévio com o Bispo e sem considerar a repercussão negativa destas mudanças para a Igreja local.
- Abandonam facilmente as obras apostólicas confiadas, alegando falta de pessoal e escassez de vocações, devolvendo-as a quem lhes confiara, sabendo que estes atravessam a mesma situação.
- Falta de testemunho comunitário em sua vida fraterna em comum etc.

Estas censuras e muitas outras vindas de alguns Bispos que participaram do último Sínodo são, segundo eles, obstáculos que dificultam as "relações mútuas". Eles pediram ao mesmo tempo uma avaliação e uma revisão desse documento.

### **2) Da vida consagrada aos Bispos**

- Desconhecem a missão da vida consagrada em geral e o carisma específico das diversas congregações presentes na Igreja local.
- Impõem uma pastoral de conjunto sem considerar a realidade e o carisma próprio de cada instituto, utilizando-os como "tapa-buraco" para ocupar os espaços que a Igreja local deseja preencher.
- Identificam a comunhão com a submissão e a dependência, em detrimento da dimensão profética de todo batizado que a vida consagrada deve reforçar e privilegiar.
- Não lhes confiam tarefas de responsabilidade em organismos de reflexão e decisão na diocese ou paróquia, no entanto lhe pedem colaboração incondicional em sua execução.
- Têm pouca consideração pelo que a vida consagrada é e pelo que ela representa; ou sua estima é condicionada à maior ou menor eficácia nas tarefas que respondem aos desejos de Bispo ou do clero.
- Certo paternalismo e "machismo", especialmente diante das comunidades femininas.
- Não levam muito em consideração a justa retribuição econômica dos serviços pastorais que lhes prestam

*É preciso louvar a sinceridade e liberdade com que tanto os Bispos como os Superiores Maiores apresentaram seus respectivos objetivos. Provavelmente todos têm razão e podem apelar para situações concretas sobre as quais se apóiam. A solução virá somente através do diálogo e esclarecimento mútuo. A comunhão e a unidade serão alcançadas, inserindo coerentemente o projeto carismático de cada congregação no projeto pastoral da Igreja local, animada pelo Bispo e seus colaboradores. Esta tarefa não é fácil, mas a missão que Cristo confiou à sua Igreja exige esta comunhão e unidade, muito necessárias. Isto não se alcançará com atitudes opostas entre Igreja e vida consagrada. Qualquer coisa importante fica faltando, quando os diversos carismas não contribuem para o enriquecimento e a vitalidade da Igreja local, ou quando esta não consegue integrar os diversos carismas que o Espírito Santo suscitou nela.*

São Paulo afirmou claramente que o Espírito Santo outorga livremente diversos carismas a distintas pessoas, mas sempre para utilidade de todo o corpo da Igreja<sup>39</sup>. O Concílio Vaticano II estimulou uma maior inserção das congregações na ação pastoral e no serviço de caridade da Igreja local. Mas pediu igualmente à vida consagrada a fidelidade ao carisma fundacional. É preciso as duas coisas para conciliar o diálogo por parte de todos, em caridade, delicadeza, humildade e docilidade ao Espírito.

### **III. O QUE FAZER (OU NÃO FAZER) PARA HARMONIZAR A INTEGRAÇÃO NA PASTORAL DA IGREJA LOCAL COM A FIDELIDADE AO CARISMA ESPECÍFICO DA COMPANHIA?**

---

<sup>39</sup> cf 1 Co. 12, 7 s s.

O Concílio Vaticano II acentuou ao mesmo tempo os dois aspectos, e diversos documentos posteriores trataram de reforçá-los e normalizá-los. Apesar de tudo surgiram dificuldades em situações concretas. Os conflitos podem provir tanto dos consagrados como dos responsáveis da pastoral diocesana e paroquial. Dirijo-me hoje somente a uma das partes implicadas. Provavelmente, a outra não partilharia várias das opiniões já expostas e outras que seguem. Minha única intenção é de que, no que dependa das Filhas da Caridade, faça-se todo o possível para que seja uma realidade tanto sua inserção na pastoral da Igreja local como a fidelidade ao carisma da Companhia. Estes dois aspectos devem ser salvaguardados ao mesmo tempo.

- Para que a Companhia possa abrir uma casa numa diocese, seja a pedido do Bispo ou da Companhia, requer-se a autorização do ordinário do lugar. Esta autorização significa que o Bispo aceita, respeitará e fomentará o carisma da Companhia e que esta aceita, respeitará e colaborará segundo suas possibilidades com o projeto de pastoral da diocese. E diga-se o mesmo a nível paroquial.

A Companhia envia as Irmãs a um lugar para um serviço concreto aos pobres. A primeira coisa que lhes é pedida é que cumpram a missão para a qual foram enviadas. Se o fazem, estão colaborando com a Igreja local tornando presente nela o ministério da caridade para com os pobres, que constitui a especificidade do carisma da Companhia e, seguramente, uma das prioridades de todo projeto pastoral diocesano e paroquial.

Se além disso, a comunidade ou alguma de suas Irmãs pode inserir-se mais diretamente em algum serviço ou ministério do plano pastoral local, devem fazê-lo. É normal é que tanto a pessoa a quem se confia como aqueles que a assumem, façam-no em coerência com o fim da Companhia. Considerando que todo o plano pastoral de conjunto deve incluir a diaconia ou o serviço de caridade, o respeito ao carisma da Companhia requer que tanto quem pede essa colaboração como quem a assume façam-no através de serviços coerentes com o fim da Companhia. A inserção nunca deve pôr em perigo a identidade carismática. Toda colaboração pode ser um sinal de inserção na pastoral da Igreja local. Porém, é mais coerente com o carisma da Companhia fazê-lo a partir das obras em favor dos marginalizados que da animação litúrgica por exemplo, embora as circunstâncias e possibilidades concretas aconselhem que em determinadas ocasiões também as Filhas da Caridade tenham que fazer isto, mas sem detrimento do que lhes é próprio.

- Todo missionário é um enviado da Igreja. Evangelizar não é um ato individual e isolado, mas algo profundamente eclesial. A Exortação de Paulo VI sobre a Evangelização do mundo contemporâneo diz: *“Nenhum evangelizador é senhor absoluto de sua ação*

*evangelizadora, dotado com um poder discricionário para realizar segundo critérios e perspectivas individualistas tal obra, mas em comunhão com a Igreja e com seus Pastores*<sup>40</sup>.

Este critério tenta superar o individualismo, a competitividade e outras atitudes negativas similares que prejudicam a missão evangelizadora da Igreja e da Companhia. As divisões e tudo o que atenta contra a unidade debilitam a força da evangelização<sup>41</sup>. Os diversos carismas estão a serviço da comunhão eclesial. O contrario seria cair no isolamento, fechamento e auto-suficiência.

As Irmãs não devem iniciar obras ou serviços que não sejam assumidos e apoiados pela Província e pela Comunidade. Quando isso acontece, essas obras podem ser consideradas como tarefa exclusiva de tal Irmã, não haver garantia de continuidade no serviço aos pobres, sobrecarregar a Comunidade com uma responsabilidade que pode não ser prioritária ou com obras que não podem continuar sem a presença dessa Irmã e sem os apoios econômicos que ela conseguia. Por outra parte, nem a comunidade nem as Irmãs iniciarão obras que não respondam às necessidades reais dos pobres. O critério será a necessidade dos pobres, não o que nós gostaríamos de oferecer-lhes.

- A Igreja é uma instituição que inclui dimensões hierárquicas, institucionais e carismáticas, não como aspectos opostos, mas necessários e harmonizados, embora conseguir isto nem sempre seja fácil. A vida consagrada em si própria existe para tornar presente e reforçar o aspecto carismático e profético da Igreja. A Exportação Vita Consecrata lembra que o Espírito Santo *“chama a vida consagrada a elaborar novas respostas para os novos problemas do mundo de atual... agindo fielmente e, depois, traduzi-las corajosamente em opções coerentes com o carisma originário*<sup>42</sup>.

A inserção na pastoral da Igreja local equivale a "paroquializar" ou "diocesanizar" a dimensão profética e carismática da Companhia. Isso implicaria, na prática, sacrificar a identidade em nome de uma funcionalidade imediata. A Igreja e a vida consagrada ficariam empobrecidas se se reduzisse esta última a um simples instrumento a serviço de necessidades imediatas da diocese ou paróquia. Podemos dizer, de maneira geral que as instituições tendem a conservar tudo. O profetismo e os carismas esforçam-se para procurar e oferecer respostas novas às novas situações. Tanto a Igreja local como a Companhia, devem viver na unidade, mas também reconhecer e assumir os conflitos inevitáveis provocados para harmonizar instituição e carisma. Em determinadas situações de conflito, só o diálogo sincero e fraterno

---

<sup>40</sup> E. N. 60.

<sup>41</sup> E. N. 77.

<sup>42</sup> V. C. n.º 73 b.

entre os responsáveis da Igreja local e da vida consagrada conseguirão, harmonizar inserção e carisma.

- Os Bispos e presbíteros diocesanos devem apreciar a vida consagrada pelo que ela é chamada a ser na diocese e paróquia, pelo significado e valor dos carismas e não só por sua colaboração eficaz nos planos pastorais estabelecidos e as soluções que apresentam ante as carências em alguns setores concretos.

É freqüente que os Bispos, ante a escassez de sacerdotes, desejem que algumas Irmãs supram essa carência e lhes confiem tarefas, boas e necessárias em si mesmas, mas que não respondem propriamente ao carisma da Companhia. Por exemplo: a preparação aos sacramentos, a animação litúrgica e de comunidades eclesiais. Tudo isso pode ser necessário, mas a razão de ser das Filhas da Caridade é o serviço corporal e espiritual aos pobres, sem separar a tarefa de humanização da evangelização. Tanto elas como os responsáveis da pastoral devem ter presentes que para as Filhas da Caridade o serviço integral aos pobres “*é para elas a expressão de sua consagração a Deus na Companhia e lhe dá todo o sentido*”<sup>43</sup>. e que “*em caso de escolha, dar-se-á prioridade aos verdadeiramente pobres*”<sup>44</sup>.

A colaboração das Filhas da Caridade na pastoral será sempre entre os pobres. É a eles que devem anunciar a Boa Nova do Reino mediante o serviço corporal e espiritual. Quando os responsáveis pela Igreja local pedem às Irmãs determinados serviços, deverão sempre se perguntar se são dirigidos aos pobres e se poderão servi-los em suas necessidades materiais e espirituais. Isto é ser coerente com o carisma da Companhia.

- Appreciar os consagrados somente quando e porque são operários eficazes para a pastoral da Igreja local tem ar de manipulação dos carismas. A integração desejada e assumida deve estar apoiada em motivações teológicas e não meramente práticas. A incorporação dos consagrados e dos leigos nos serviços e ministérios da diocese e da paróquia unicamente para suprir carências, supõe que se prescindam deles quando já não são necessários. A razão dessa incorporação deverá ser baseada na consagração batismal e em sua pertença à Igreja - comunhão e ao povo de Deus, como pedras vivas.
- A maior ou menor incorporação das Filhas da Caridade na pastoral da Igreja local não se mede pelo maior ou menor número de atividades que assumam. A Companhia não é chamada a fazer tudo. Correria o risco de perder sua identidade e de estar favorecendo um ativismo esgotante e desenfreado entre as Irmãs. É na comunidade que os compromissos pastorais a serem assumidos devem ser discernidos, embora concretamente, sejam

---

<sup>43</sup> C. 2. 1.

<sup>44</sup> C. 1. 8.

algumas Irmãs a realizá-los. Esta maneira permite integrá-las na missão comum e evitar os problemas que surgem quando assumidos individualmente por algumas Irmãs. As Irmãs deverão ser generosas em sua colaboração, mas não podem aceitar indiscriminadamente todo pedido com o risco de interferir em sua vida comunitária e de negligenciar a missão concreta para com os pobres aos quais foram enviadas pela Companhia.

- O Bispo é o pastor e guia do povo a ele confiado, é o princípio e o fundamento visível desta unidade. Tem o poder ordinário próprio e imediato sobre todos os fiéis de sua diocese (presbíteros, consagrados e leigos). Mas é preciso salvaguardar a justa autonomia e a isenção da Companhia.

Muitas vezes os Bispos e os vigários pedem às Irmãs que se responsabilizem por determinados projetos pastorais da Igreja diocesana ou paroquial. Antes de aceitá-los seria conveniente discernir não só na comunidade local, mas também com a autoridade Provincial. Porque, pela isenção da Companhia, a Visitadora tem direito a pedir a essas Irmãs que assumam outros serviços na Província. Se o Bispo ou os vigários estiverem conscientes da missão da Companhia, compreenderão que também esta necessita de pessoas para animar suas diversas obras e comunidades.

Este é um outro campo onde surgem dificuldades. Certo, que se levando a sério a inserção das Irmãs na Igreja local, as mudanças em nível pastoral, já não são apenas um assunto interno da Companhia. É preciso levar em consideração as repercussões negativas que determinadas mudanças de pessoas podem ter na pastoral da diocese ou da paróquia. Em face de certas situações que se apresentam, o diálogo entre os responsáveis da Igreja local e a autoridade Provincial é muito necessário.

#### **IV. A COMUNHÃO E A UNIDADE ANTES DE TUDO, MESMO DIANTE DOS CONFLITOS E TENSÕES**

Não gostaria de dar a impressão de que o que predomina no momento de apresentar este tema da inserção na pastoral da Igreja local e a fidelidade ao carisma específico das Filhas da Caridade são os conflitos e tensões. Volto a afirmar que, pelo que conheço, em geral consegue-se harmonizar e chegar a um reconhecimento e estima mútuas que redundam em favor da missão evangelizadora da Igreja desejada por todos.. O que eu falei até agora e que ainda direi não tem outra intenção que iluminar e colaborar um pouco para superar os conflitos que às vezes aparecem.

Cito brevemente, outros conflitos, uns referentes aos responsáveis da pastoral diocesana e paroquial e outros aos consagrados, particularmente as Filhas da Caridade.

- As orientações dadas pelo Conselho Geral às Visitadoras e às Irmãs missionárias quando devem construir imóveis são a sobriedade e praticidade. Muitas vezes, em contextos de grande pobreza, continua-se construindo prédios, seja para as Irmãs ou para os diversos serviços dos pobres que chocam o meio social e cultural onde estão implantadas. Isso contribui para dar a imagem de uma Igreja de poder e riqueza, distante do contexto cultural, enfim, uma Igreja fora da realidade.

Curioso é que isso nem sempre depende só das Irmãs; às vezes são certos Bispos ou benfeitores que animam. Querem que as obras da Igreja não sejam inferiores às de outras instituições e entram em competitividade. A Companhia não deve entrar nesse jogo, mas ser conseqüente com seu “ser” para os pobres e entre os pobres. A partir da simplicidade e da sobriedade também se pode oferecer um serviço de qualidade, favorecer a mobilidade e reduzir os problemas para o futuro.

- A nova sensibilidade em torno ao papel da mulher na Sociedade e na Igreja tem que questionar e reorientar certos comportamentos. As Irmãs e as religiosas são reconhecidas e apreciadas por sua capacidade e responsabilidade no trabalho, sua docilidade e sua submissão. Mas elas constataam e se lamentam de que são as últimas responsáveis, quase sempre são os homens que têm o direito de decidir e de supervisionar. Elas são consideradas meras executoras do que outros refletiram, programaram e decidiram. Elas também têm o direito de exigir que as convidem a participar dos organismos diocesanos e paroquiais onde se reflete e se decide.

Numa Igreja - comunhão e povo de Deus os presbíteros, os consagrados e os leigos não são simplesmente ajudantes do Bispo, mas seus colaboradores. Por isso são chamados a participar efetivamente dos diversos organismos onde se estudam e programam os planos pastorais de conjunto, e não só como operários no momento de sua execução.

A Exortação Vita Consecrata reconhece que são justas as queixas das mulheres consagradas quando diz: *“Por certo, não se pode deixar de reconhecer o fundamento de muitas reivindicações relativas à posição da mulher nos diversos âmbitos sociais e eclesiais. Do mesmo modo, é forçoso assinalar que a nova consciência feminina ajuda também os homens a reverem os seus esquemas mentais..., a mulher consagrada pode contribuir para eliminar certas visões unilaterais, que não manifestam o reconhecimento pleno da sua dignidade, da sua contribuição específica para a vida e para a ação pastoral e missionária da Igreja. Assim, é legítimo que a mulher consagrada aspire a ver reconhecida mais claramente a sua identidade, a sua capacidade, a sua missão, a sua responsabilidade, quer na consciência eclesial quer na vida de todos os dias. Também o futuro da nova evangelização, como, aliás, de todas as outras formas de*

*ação missionária, é impensável sem uma renovada contribuição das mulheres, especialmente das mulheres consagradas*<sup>45</sup>.

- As Constituições e Estatutos da Companhia proporcionam alguns critérios que podem ser orientadores e aplicáveis a determinados comportamentos relativos à inserção na pastoral. *“A caridade fraterna ultrapassa os limites da Comunidade. As Irmãs mantêm-se acolhedoras e disponíveis, concedendo, no entanto, prioridade às necessidades da missão e aos tempos fortes da vida comunitária*<sup>46</sup>.

As casas ou dependências das Irmãs devem estar abertas e disponíveis às necessidades pastorais da diocese e da paróquia, mas respeitando os lugares e tempos para a vida e os encontros da comunidade. Por sua vez, deverão participar das festividades da diocese, da paróquia, de outras organizações intercongregacionais etc. Certamente que o serviço dos pobres não lhes permitirá responder a tantas reuniões como atualmente se programam. Tampouco é agradável ou edificante escutar que muitos religiosos e leigos participaram de várias dessas convocações, mas as Filhas da Caridade estiveram ausentes.

- A isenção intenta proteger a autonomia interna da Companhia, sua identidade carismática e seu estilo de vida. Por isso, creio que certos comportamentos não levam em consideração a isenção. Dois exemplos reais e concretos: A título de que se convida o Bispo para presidir a Eucaristia da renovação de votos ou a da abertura da Assembléia Provincial? A estima e o reconhecimento que se deve ao Bispo tem outras manifestações, e não precisamente essas que pertencem ao regime interno da Companhia.
- É conveniente refletir também sobre dois aspectos muito concretos que em alguns lugares foram e continuam sendo ocasião de conflitos: a pastoral vocacional e a implantação de associações leigas vicentinas na diocese ou paróquia.

Sobre o tema da promoção vocacional, Vita Consecrata esclarece: “Importa que a tarefa de promover as vocações seja cumprida de modo tal que se manifeste cada vez mais como *um empenho unânime de toda a Igreja*. Ora, isto exige a ativa colaboração de pastores, religiosos, famílias e educadores, como convém a um serviço que é parte integrante da pastoral de conjunto de cada Igreja particular. Exista, portanto, em cada diocese este *serviço comum*, que coordene e multiplique as forças, sem, contudo, prejudicar - mas antes favoreça - a atividade vocacional de cada Instituto. Esta colaboração ativa de todo o Povo de Deus, sustentada pela Providência, não poderá deixar de apressar a abundância dos dons divinos. A solidariedade cristã venha generosamente ao encontro das necessidades da formação vocacional,

---

<sup>45</sup> V. C. 57.

<sup>46</sup> C. 2. 22; Est. 17.

nos países economicamente mais pobres. A promoção das vocações nestas nações seja efetuada pelos vários Institutos em plena harmonia com as Igrejas particulares, na base de uma ativa e prolongada inserção na sua pastoral<sup>47</sup>.

Os Estatutos da Companhia vão nesta mesma direção quando dizem: “*Todas as Irmãs têm responsabilidade pessoal na promoção das vocações. São estimuladas a participar na pastoral organizada pela Igreja com esta finalidade*”<sup>48</sup>.

Seguindo estas orientações, as Filhas da Caridade realizarão uma pastoral vocacional em coordenação com os organismos diocesanos, intercongregacionais e paroquiais. É normal que num plano de conjunto se ofereça a cada congregação a oportunidade de apresentar aos possíveis candidatos /as o específico de cada carisma - as Filhas da Caridade o seu - e a possibilidade de acompanhá-los depois no processo de discernimento, mas sem esquecer que a vocação é um don de Deus e uma resposta livre e que, precisamente por isso, a pastoral vocacional não deve ser interesseira.

A autorização do Bispo para que uma congregação possa ser implantada em sua diocese supõe que se lhe é permita e facilite o desenvolvimento das diferentes expressões de seu carisma. Vita Consecrata dedica várias páginas aos leigos que partilham o carisma dos consagrados. Estes caminhos de comunhão, diz ela, merecem ser motivados, porque irradiam a espiritualidade do Instituto além de suas fronteiras, potenciam a missão e se favorece o enriquecimento tanto dos leigos como dos consagrados<sup>49</sup>.

As Filhas da Caridade consideram que mediante a Associação da Medalha Milagrosa, as Juventudes Marianas Vicentinas etc. propagam seu carisma com os leigos. É lógico, pois, que as encoraje. Mas, corresponde ao Bispo conceder ou não a autorização, pois tem a responsabilidade apostólica sobre a pastoral de conjunto. A prática nos ensina que este é um assunto que requer diálogo com os responsáveis da pastoral, conhecimento dessas Associações, e, por isso, uma apresentação clara de sua identidade, confiança mútua, desinteresse para buscar o maior bem da Igreja e dos pobres e não os interesses de uma ou outra parte.

### Conclusão

Com acabei de dizer, busquei iluminar alguns conflitos (teríamos podido enumerado outros) que surgem quando se tenta harmonizar a inserção da Companhia na pastoral da Igreja local com a fidelidade a seu carisma específico. Os numerosos documentos eclesiais que tratam deste tema oferecem orientações claras para superá-los. Mas, na

---

<sup>47</sup> V. C. 64 e.

<sup>48</sup> E. 34.

<sup>49</sup> cf. V. C. 54-56.

prática, as dificuldades continuam aparecendo, como tanto os Bispos como os consagrados reconhecem.

A unidade e a comunhão eclesial são dons do Espírito e ao mesmo tempo uma tarefa a realizar entre todos os membros do Corpo místico de Cristo e do povo de Deus que é sua Igreja. Seus membros nem sempre são livres do egoísmo e do individualismo que levam a incompreensões e a ofuscar com interesses pessoais a única e grande missão que nos concerne a todos: ser instrumentos evangelizadores para colaborar na construção do Reino de Deus em e com toda a Igreja.

Terminamos com dois textos alusivos ao tema tratado, um de Paulo VI e outro de João Paulo II, dos quais fazem eco dois outros documentos eclesiais já citados:

*“A sua ação missionária depende evidentemente da Hierarquia e deve ser coordenada com a pastoral que a mesma Hierarquia deseja pôr em prática”<sup>50</sup>.*

*“O Bispo é pai e pastor da Igreja particular inteira. Compete-lhe reconhecer e respeitar, promover e coordenar os vários carismas... Por sua vez, as pessoas de vida consagrada não deixarão de oferecer generosamente a sua colaboração à Igreja particular, segundo as próprias forças e no respeito do próprio carisma, atuando em plena comunhão com o Bispo no âmbito da evangelização, da catequese, da vida das paróquias.”<sup>51</sup>.*

A Igreja tem uma missão universal. A Companhia e sua isenção estão a serviço dessa universalidade. Mas tudo isso seria algo abstrato se não tomasse corpo e não se fizesse vida através do amor e a colaboração com a Igreja local. As relações entre Hierarquia e consagrados devem basear-se na amizade, confiança, transparência e co-responsabilidade na única missão. O diálogo e o discernimento ajudarão a superar os conflitos que possam surgir. E, se persistem, cabe o recurso às instancias superiores. Mas, acima de tudo, as Filhas da Caridade serão sinais de fraternidade e de unidade, incluso nas situações conflituosas.

Padre Fernando QUINTANO, C.M.  
*Diretor Geral*

*Sessão Missionária Internacional*  
*Setembro de 2002*

---

<sup>50</sup> E. N. 69.

<sup>51</sup> V. C. 49 a.

# ***Padres e Irmãos da Congregação da Missão, Filhas da Caridade e Leigos Vicentinos: uma oportunidade para a Missão***

Paris, 19 setembro 2002  
Padre Benjamin Romo, c.m

## Anotações prévias

O título desta intervenção que me foi pedida sugere algumas anotações prévias que gostaria de sublinhar antes de começar as reflexões próprias deste tema.

Ao falar de colaboração entre Congregação da Missão, Filhas da Caridade e leigos vicentinos, referimo-nos à interação estabelecida pelos diversos ramos a partir de sua própria autonomia. Consideramos como um fato adquirido que cada uma destas instituições tem sua identidade e seu carisma próprio e que é daí que se partilha com os outros a própria riqueza para o bem dos pobres.

Também, quando dizemos que esta colaboração é uma oportunidade para a Missão, podemos perguntar: De que se trata? Tento desde já responder a esta pergunta:

Baseando-nos na doutrina dos fundadores e no carisma vicentino, entendemos por “Missão”, todo projeto ou ação que realizamos para viver nossa vocação dentro da Igreja. Nossa Missão é servir aos pobres. Este serviço é também material e espiritual. Estas duas dimensões: evangelização e serviço material são inseparáveis na prática vicentina.

Ao longo da história, experimentamos e caímos na tentação de separar estas duas realidades, praticando uma e esquecendo a outra. São Vicente, consciente de que esta tentação poderia contaminar o carisma vicentino, dizia aos missionários: *“Se há alguns entre nós que pensam que estão na missão para evangelizar os pobres e não para socorrê-los em suas necessidades, para remediar suas necessidades*

*espirituais e não as temporais, dir-lhes-ei que devemos assisti-los e fazer com que sejam assistidos de todas as maneiras por nós e pelos outros... fazer isto é evangelizar por palavra e por obras; é o mais perfeito e é o que nosso Senhor praticou”<sup>1</sup>.*

Falando sobre isto mesmo às Filhas da Caridade, São Vicente lhes dizia: *“Para ser verdadeira Filha da Caridade é preciso fazer o que o Filho de Deus fez sobre a terra”<sup>2</sup>*. E o que Jesus veio realizar na terra, o próprio Evangelho nos diz: *“...ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”<sup>3</sup>*.

Evangelizar para nós significa fazer todo o possível para oferecer aos pobres as condições duma vida digna aqui na terra e oferecer-lhe ao mesmo tempo, a possibilidade de chegar a Deus Pai reconhecendo sua dignidade de filho amado e salvo.

Quero dizer também uma palavra sobre os leigos vicentinos. Quando falamos deles, em quem pensamos? Pensamos em todos aqueles homens e mulheres, adultos ou jovens que pertencem a uma associação ou que sem pertencer, servem os pobres, inspirados no estilo de vida de São Vicente, motivando sua ação na espiritualidade vicentina. Estes leigos, a quem podemos dar, a justo título a qualidade de vicentinos são milhões no mundo. Meu serviço na Família Vicentina permitiu-me conhecer que estão presentes em mais de 130 países.

Nos últimos anos, uma forte consciência de Família Vicentina tem sido incentivada pelo Superior Geral da Congregação da Missão e das Filhas da Caridade, Mère Irmã Juana Elizondo, Superiora Geral e os Presidentes Internacionais de algumas das associações leigas vicentinas, trazendo como frutos o conhecimento mútuo, momentos de oração em comum, planos de formação e a realização de projetos de serviço aos pobres em colaboração.

Concluídas estas observações preliminares, quero desenvolver três pontos que esclarecerão o tema da colaboração na Família Vicentina. Primeiramente, os fundamentos e razões que temos para colaborar. Em seguida, partilharei com vocês alguns dados refletindo a realidade desta colaboração, isto é, o que temos feito na prática. Por fim, alguns desafios ou compromissos suscitados pela colaboração se a escolhermos como oportunidade para tornar o carisma vicentino mais vivo e efetivo.

---

<sup>1</sup> Coste, XI, p. 87-88

<sup>2</sup> Coste, IX, p. 34

<sup>3</sup> Lc. 4, 18-19

# I. O PORQUÊ DESTA COLABORAÇÃO NA FAMÍLIA VICENTINA

## 1. Vivemos numa Igreja de Comunhão e co-responsabilidade.

É sobretudo a partir do Concílio Vaticano II que a Igreja se descobre e define a si mesma como uma comunidade de batizados em Cristo, chamados a viver a comunhão e a co-responsabilidade em seu caminho para a plena realização do Reino de Deus. Todos esses anos pós-conciliares não foram suficientes para pôr em prática todas as conseqüências decorrentes destes qualificativos da Igreja. Nós, seus membros hoje continuamos o caminho para a renovação e a conversão. Que entendemos por comunhão e co-responsabilidade?

**A comunhão eclesial** é o “humus”, isto é, a boa terra, aquela que produzirá cem por um. Os frutos na Igreja dependem desta “comum união”. É a comunhão dos fiéis em Cristo ressuscitado o fundamento de nossa ação comum e de nossa Missão no interior da própria Igreja.

Esta comunhão se baseia em categorias sociológicas, como acontece com qualquer outra associação, não se limita à vivência de certos valores objetivos, nem à assimilação de uma doutrina, menos ainda à participação de alguns ritos, embora sejam uma conseqüência necessária à própria comunhão. Esta se baseia na experiência de Jesus Cristo ressuscitado e presente entre nós. Cria a comunhão e chama os batizados a viverem nela. É Jesus quem nos chama para estar com ele e com os outros que também foram chamados por ele<sup>4</sup>. E esta comunhão é o desejo ardente de Jesus para todos nós. “*Como o Pai está em mim e eu em ti, que eles sejam um em nós*”<sup>5</sup>.

A encíclica *Christifideles laici*<sup>6</sup> descreve a comunhão como a confluência de dois caminhos que conduzem a um único “caminho real”, que são o da diversidade e da complementaridade dos carismas suscitados pelo Espírito. A comunhão põe os batizados num mesmo plano e dignidade diante de Deus, com carismas diversos e todos com uma mesma vocação de serviço para o bem dos Irmãos.

A comunhão eclesial é a plataforma para acolher e construir o Reino de Deus a partir de nossa história. É também o fundamento e a inspiração da união no íntimo das diversas associações e congregações chamadas vicentinas.

**A co-responsabilidade** na Igreja. O Vaticano II insistiu também sobre a participação a co-responsabilidade de todos os membros batizados em Cristo. Ser responsável é ser uma pessoa “que responde pelos próprios atos ou

---

<sup>4</sup> cf. Mc. 3, 13-16

<sup>5</sup> Jo. 17,21

<sup>6</sup> cf. *Christifideles laici*, nº. 18-20

pelos de outrem”<sup>7</sup>. É ser a pessoa chamada a responder com outros, pela missão confiada por Jesus à sua Igreja. Assim, participamos da única missão salvífica do Pai para toda a humanidade.

Por outro lado, a Igreja é carismática e hierárquica. Os carismas são para o bem comum e a hierarquia vista a partir do espírito evangélico é serviço e doação de si mesmo por amor à humanidade. Portanto, uma Igreja reduzida à uniformidade, à passividade ou à concentração das responsabilidades em poucas mãos é inimaginável. Segundo a doutrina do Vaticano II, uma Igreja de poder ou privilégios para uns poucos é igualmente impensável. Quando isto ocorre – e sempre corremos o risco de provocar – há um bloqueio ridículo do Espírito, cujas conseqüências conhecemos e sofremos. São Paulo advertia as comunidades deste perigo<sup>8</sup>.

Nossa eclesiologia ou a imagem de Igreja em que vivemos, condiciona, na prática, a abertura e a colaboração com outros. Podemos perguntar-nos: Qual é a imagem de Igreja que eu vivo? Quando se vive com uma mentalidade eclesial de participação, se favorece então,, enormemente a colaboração em todos os níveis e em todos os domínios .

A comunhão e a participação, características de nossa Igreja, estabelecem nossa unidade e nossa colaboração como Associações ou congregações que fazem parte da Família Vicentina.

## **2. Beber num mesmo poço**

Um segundo motivo que temos para colaborar dentro da Família Vicentina é o carisma comum que partilhamos. Em nossa vocação específica vicentina, somos marcados pelo carisma de nossos fundadores. São Vicente recebeu um dom do Espírito Santo que rapidamente partilhou com outros (Confrarias das Caridades, Santa Luisa, missionários...). Este carisma se manifesta a partir de um estilo de vida (ser) e de uma Missão (apostolado). Todas as fundações que brotaram após a interiorização destas primeiras, têm esta marca específica de nossos fundadores.

Hoje participamos deste carisma, isto é, de um estilo comum de vida que fascina a pessoa e que se expressa numa Missão com a qual nos identificamos e nos comprometemos.

Para avançar mais em nossa reflexão, menciono alguns traços de nosso carisma vicentino:

- A centralidade de Cristo evangelizador dos pobres.

---

<sup>7</sup> cf. *Os cristãos leigos, Igreja no mundo*, 24.

<sup>8</sup> “Não extingais o Espírito, não desprezeis as profecias. Discerni tudo e ficai com o que é bom. Guardai-vos de toda espécie de mal” (1 Ts. 5,19).

- Amor a Cristo nos pobres e aos pobres em Cristo.
- Serviço corporal e espiritual ao pobre.
- Serviço ao pobre com uma caridade prática e concreta, não a partir de burocracia ou de belas teorias.
- Contato direto com os pobres para servi-los e deixar-se evangelizar por eles.
- Um estilo de vida simples e uma atitude de dependência do Pai. Abandono à Providência.
- É um carisma secular, seus membros buscam a santificação em meio do mundo, em todos os lugares que constituem o mundo dos pobres.
- O carisma missionário que nos mobiliza para sair de nós mesmos, de nossos círculos, seguranças, fronteiras e ir aonde os pobres mais necessitam.

### 3. Colaborar para ser fiel a nossos fundadores

Este é o terceiro motivo que nos impulsiona à colaboração. A exortação pós-sinodal sobre a Vida Consagrada nos diz: *“Hoje, alguns Institutos, freqüentemente, por imposição das novas situações, chegaram à convicção de que o seu carisma pode ser partilhado com os leigos.”*<sup>9</sup>. O Documento nos diz que estas experiências feitas nos últimos anos por muitas Congregações e especialmente pelas Sociedades de Vida Apostólica, tiveram uma resposta muito positiva:

- O carisma no interior das comunidades foi esclarecido e renovado
- Os leigos participam duma maneira mais extensa na espiritualidade e na Missão do Instituto.
- Uma relação de colaboração mais estreita que permite uma melhor e mais efetiva manifestação da partilha dos dons na Missão.

Para nós que vivemos imersos no mundo vicentino, isso não é uma novidade, porque desde a origem, o carisma foi aberto à colaboração que está na base das fundações vicentinas. Os fundadores viveram-na como algo muito natural. A presença de Cristo nos pobres era tão evidente em São Vicente e Santa Luísa, com relação às suas fundações (AIC, CM, HC), que tudo gira em torno da Evangelização dos pobres. A partir daí a colaboração para servir e salvar o pobre nasce de maneira espontânea, levando a partilhar os dons para servir e evangelizar mais eficazmente. Assim, as Senhoras da Caridade, os Missionários e as Filhas da Caridade, nascem como família de um mesmo tronco para servir e evangelizar os pobres. São Vicente pedirá sempre a seus missionários que estabeleçam as Caridades em cada lugar onde pregam uma Missão<sup>10</sup>; envia Santa Luísa

---

<sup>9</sup> Vita Consecrata, *Exortação pós-sinodal de João Paulo II*, 25 março de 1996, nº 54

<sup>10</sup> RR CC Cap. I, 2

como “missionária” para animar os grupos das Caridades<sup>11</sup>. Em sua primeira viagem oficial dirá: *“ide, pois, Mademoiselle, em nome de Nosso Senhor. Rogo à sua divina bondade que vos acompanhe, seja vossa consolação no caminho, proteção contra o sol e o calor, a chuva e o frio, leito macio na fadiga e força no trabalho e que, finalmente, vos traga com saúde e carregada de boas obras”*<sup>12</sup>.

São Vicente viveu com uma rara mentalidade de “colaborador”; de um lado, mostrou a muitas pessoas o caminho para os pobres e por outro, recebeu muito destes leigos. Muitos elementos de sua espiritualidade mudaram progressivamente graças à presença e à influência dos leigos em sua vida<sup>13</sup>.

São Vicente e Santa Luisa viveram uma vida de doação aos pobres e trabalharam incansavelmente para que outros também pudessem fazê-lo. Souberam transmitir aos outros o dom do carisma recebido para que os pobres fossem servidos. Não foi isto que fez Jesus? O que fez o bom samaritano?.

Para nós, a colaboração vem desde as nossas origens e para permanecer fiel ao carisma vicentino vivemos nossa vocação na partilha com outros. Não nos basta servir ao pobre se nosso próximo não o serve.

#### **4. A colaboração durante os últimos anos**

A Missão do leigo na Igreja e no mundo foi realçada com muita força nos últimos anos. Da mesma maneira pela força do Espírito, os leigos vicentinos tornaram-se muito conscientes de sua missão no mundo, a serviço dos pobres.

Esta colaboração da Congregação da Missão e das Filhas da Caridade com os leigos vicentinos não surgiu como uma força que vem suprir a diminuição em nossas vocações em nossas comunidades. Também não por problemas no serviço ou na Evangelização e muito menos ainda por imediatismo ou utilitarismo dos leigos. Esta existe essencialmente por duas razões:

Os leigos vicentinos têm seu espaço próprio na Igreja. Como batizados são incorporados à Igreja de Jesus Cristo e têm o direito de participar da vida e da Missão da própria Igreja e a partir daí, caminhar para a Santidade. São também chamados por Jesus no Evangelho “sal da terra e luz do mundo”. Não se trata de oportunismo, são antes,

---

<sup>11</sup> cf. GOBILON, A vida de Mademoiselle Le Gras, Paris 1676, em 12º. 32)

<sup>12</sup> Doc. 24, p. 33

<sup>13</sup> Padre Giovanni Burdése, C.M. *São Vincenzo e la valorizzazione del genio femminile*, na Revista VINCENTIANA, 2002, Nº 6, p. 6-8

razões teológicas e eclesiológicas que fundamentam esta situação. Favorecemos esta colaboração pela fidelidade à Igreja.

Fidelidade a nossas origens. O Padre Jaime Corera disse a esse respeito: *“a falta de relação e colaboração com os leigos seria um sintoma seguro da falta de fidelidade ao carisma próprio. Os missionários e as Irmãs não devem, pois, cultivar este aspecto de seu ser por razões de estratégia pastoral ou de modernidade (por exemplo, da “nova Evangelização a partir de ”), mas por fidelidade a seus fundadores e ao plano de Deus sobre as duas Companhias”*<sup>14</sup>

São Vicente confiou nos leigos e viveu convencido de que eles têm uma Missão importante na Igreja e que são chamados à Santidade através do cumprimento desta Missão. O Superior Geral, Padre Robert P. Maloney, também acredita profundamente na força dos leigos vicentinos na Igreja. Às Filhas da Caridade ele falou: *“Formem grupos de jovens com uma espiritualidade mariana vicentina. Os jovens são o Terceiro Milênio...”*<sup>15</sup>

Repete a mesma idéia aos missionários: *“Vão, digam com confiança aos co-irmãos que com os membros de nossa família, poderemos ser uma força enorme a serviço dos pobres... formem grupos de jovens aonde forem. Considerem isto como um dos grandes desafios do terceiro milênio. Os jovens são os futuros servos dos pobres. Eles são os evangelizadores do terceiro milênio”*<sup>16</sup>.

O carisma nasceu com São Vicente que rapidamente o transmitiu a um grupo de Senhoras em Châtillon. Portanto, foram os leigos os primeiros a inaugurar o carisma vicentino na história da Igreja. Hoje, os leigos assumem muitos projetos para continuar a ser no mundo a presença efetiva da salvação de Deus para os pobres, com o estilo vicentino. Estas constatações nos falam?

## **5. Colaborar, com quem? Com que posturas?**

Na prática o conhecimento e a colaboração desenvolveram-se nos últimos anos especialmente entre os ramos da Família Vicentina:

- Associação Internacional de Caridade (AIC)
- Congregação da Missão (CM)
- Filhas da Caridade (FC)
- Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP)

---

<sup>14</sup> JAIME CORERA, *Servir aos pobres é ir a Deus*, Ed. A Milagrosa, Madrid 1999, p. 194

<sup>15</sup> Ecos da Companhia, Nos. 5-7, Junho-Julho 1997, pp. 287-288

<sup>16</sup> VICENTIANA, Ano 42, No. 4/5, Julho-Outubro 1998, pp. 400-401.

- Juventude Marial Vicentina (JMV)
- Associação da Medalha Milagrosa (AMM)
- Missionários Leigos Vicentinos (MISEVI)
- Religiosos de São Vicente (RSV)

Os milhares de leigos que pertencem a estas associações vicentinas não são os únicos a beber nesta fonte, muitos grupos também nela se desalteram. Milhares de leigos que não pertencem a nenhuma associação vicentina, colaboram e estão com a mão na massa em nossas obras. E tantos outros, mesmo sem ser católicos, escolheram São Vicente como guia e mestre de sua vida cristã, espiritual e apostólica.

Quando falamos de colaboração entre os grupos vicentinos queremos dizer que buscamos favorecer relações de igual a igual, não de cima para baixo, nem do exterior para o interior, mas numa mesma condição: servos dos pobres.

Na colaboração não buscamos ter o papel principal, mas o serviço dos pobres. Daí nos esforçarmos para evitar rivalidades ou competição em nossas relações. Não se trata de cada ramo renunciar aos próprios projetos de serviço, mas de unir suas forças para empreender outros, cuja realização seria enfraquecida se estivéssemos sós.

A colaboração entre estes grupos busca favorecer a interação dos diversos ramos, de tal forma que nossas semelhanças nos unem e nossas diferenças constituem a riqueza da família.

## **II. ALGUNS EXEMPOS DE COLABORAÇÃO HOE**

### **1. No campo da formação**

Um dos primeiros frutos conhecidos é o desejo de se formar e de se formar juntos. Na Família Vicentina há muitos projetos de formação encaminhados. Como exemplo, citarei alguns:

- Espaços para a reflexão e o estudo com relação às diversas pobreza dos países, em vista de juntos, buscar soluções práticas e efetivas;
- Organização de momentos de oração, reflexão e convivência, aproveitando particularmente as festas de Família;

- Criação da Coordenação Nacional da Família Vicentina em mais de 30 países, cujo trabalho tem permitido maior conhecimento mútuo e condições mais favoráveis para a formação em comum e a colaboração através dos projetos;
- Na América Latina, criação de uma Comissão Coordenadora da Família Vicentina, cuja função é: *servir de ligação entre as instancias diretivas Gerais e nacionais, favorecendo a unidade e a integração dos diversos ramos da Família Vicentina, para um melhor serviço aos pobres, respeitando a identidade e a autonomia de cada um*<sup>17</sup>;
- Organização de encontros de “Jovens vicentinos” a nível mundial: Paris 1997; Roma 2000 e Toronto 2002, tendo como objetivo: Conhecer-se, formar-se como vicentino, rezar juntos e estabelecer laços comunitários entre eles.
- Organização de seminários de formação vicentina cujos temas específicos então centrados na espiritualidade e ação vicentina. Programação de cursos sobre a Doutrina Social da Igreja;
- Realização do “Mês Vicentino para os Assessores / as dos grupos leigos da Família Vicentina” durante o mês de Julho de 2002 com 110 participantes vindos de 46 países;
- Iniciativas conjuntas de formação vicentina, por exemplo: Semana de Estudos em Salamanca, (Espanha), cujo tema deste ano foi a Família Vicentina;
- laboração de material de formação abundante, favorecendo a renovação dos grupos;
- A página web da Família Vicentina tornou-se um instrumento de informação e de formação para os membros da Família Vicentina.

## **2. No campo do serviço e da Evangelização**

A colaboração nos projetos comuns aumentou bastante nos últimos anos de maneira normal e muito espontânea, como resposta a um conhecimento e a uma formação em comum. Mencionamos alguns:

- Projeto sobre “A Globalização da Caridade: luta contra a fome”, contribuiu para a busca de uma maior colaboração nos projetos em nível local, regional, nacional e mesmo internacional;

---

<sup>17</sup> Conselho Latino-americano da Família Vicentina, Regulamento Interno, art. 3

- A colaboração em nível de missões permanentes é muito significativa. MISEVI e JMV colaboram nas missões permanentes confiadas às Filhas da Caridade ou aos missionários, particularmente em Moçambique, Bolívia e Honduras, no campo da saúde, promoção humana, ensino e em programas de Evangelização.
- Missões populares de “curto prazo”. Muitos são os países que realizam suas missões populares onde existe esta colaboração. Poderíamos falar do Brasil, Bolívia, Peru e tantos outros.
- A solidariedade em situações de catástrofes naturais ou provocadas pelos homens.
- A colaboração da JMV nas obras das Filhas da Caridade é também muito significativa e favorece por um lado o apoio, e por outro o discernimento vocacional dos jovens.

### 3. As dificuldades encontradas na colaboração e suas causas

A caminhada nem sempre é fácil, há luzes e sombras, êxitos e dificuldades. Gostaria de falar sobre certas dificuldades e suas causas:

- Certo **paternalismo** por parte dos missionários e das Filhas da Caridade frente aos grupos leigos, especialmente de jovens. Esta atitude consiste muitas vezes em “apropriar-se” de certa maneira, das pessoas e dos grupos, impedindo assim o crescimento da liberdade e da responsabilidade.
- **Desinteresse** por parte de certas associações para colaborar, ficando muitas vezes à margem dos projetos elaborados.
- **Mentalidade clerical** que favorece a irresponsabilidade de alguns e o monopólio de outros. Por vezes, nos grupos deixa-se o missionário ou a Irmã assumir a decisão por causa de uma mentalidade clerical ainda existente, tanto de nossa parte (CM, FC) como da parte dos leigos
- Certo espírito de **competição e de rivalidade** entre as associações. A falta de clareza em nossa vocação e missão, bem como a falta de uma paixão efetiva pela causa dos deserdados deste mundo, provoca em muitas associações ou grupos, sentimentos que impedem um diálogo aberto e uma franca colaboração.

**Causas:**

- **Desconhecimento** das outras associações e mesmo da nossa. Muitas vezes constatamos falta de tempo para parar e analisar nossas próprias convicções evangélicas e vicentinas que motivam nossa doação. Supomos que nos conhecemos e aos demais membros da Família Vicentina. O fato de aprofundar nossa identidade e de fazê-lo com os outros ramos ajuda-nos a descobrir e conhecer nossa riqueza e as possibilidades de unirmos para ser uma força a serviço dos pobres. O impulso renovador empreendido pelas associações leigas nestes últimos anos é surpreendente!
- O “**capelismo**”, isto é, a tendência a viver fechados em nós mesmos, em nossas comunidades e em nossas obras. Vivemos em um mundo globalizado e ao mesmo tempo um mundo pluralista e pluricultural. Uma das reações provocadas pela globalização é: “unir-se para ser forte”. Vemo-lo em todos os níveis. Às vezes penso que Jesus foi o primeiro a praticar a globalização neste mundo: “*Que todos sejam um*”. São Vicente seguiu seus passos, pois reuniu toda sorte de pessoas para envolvê-las na caridade. Não foi esta a convicção vivida por Frederico Ozanam?: “*Encerrar o mundo numa rede de caridade*”. Precisamos sair de nós mesmos para unir nossas forças e lutar contra as causas da pobreza que Deus não quer.
- Uma **formação limitada e pobre** em todos os sentidos. A formação é a alma de nossa doação e o motor que nos remove. Quando esta é pobre se cai numa falta de responsabilidade pessoal ou de grupo, a visão se torna curta, os horizontes pequenos, as oportunidades reduzidas...

#### 4. As possibilidades oferecidas pela colaboração

Entre muitas outras, gostaria de citar:

- **Retorno ao essencial.** Colaborar com outros grupos da Família Vicentina é uma possibilidade para purificar a vivência do carisma e voltar àquilo que é essencial. Quando entramos em relação com os outros descobrimos o essencial da vida, conhecemos os problemas reais que angustiam a humanidade, aqueles que nos ajudam a tocar realmente tantas feridas dos pobres e não aquelas supostas feridas que imaginamos.
- **Ser uma força eficaz de serviço aos pobres.** A comunicação e o contato com outros ramos da Família Vicentina tornam-nos mais eficazes em nossa ação de serviço aos pobres. Juntos podemos inventar novos estilos, novas formas, novos programas de autopromoção e libertação dos pobres. Juntos podemos fazer ouvir nossa voz junto a organismos e instituições em favor dos pobres.

- **Oferecer aos leigos o caminho da Missão como caminho de Santidade.** Os leigos também têm o direito de ser Santos e a Santidade está imediatamente ligada à missão. O Papa nos disse: *“A vocação universal à Santidade está estreitamente ligada à vocação universal à missão. Toda fidelidade é um apelo à santidade e à missão”*<sup>18</sup>. Partilhar nossa vocação com os leigos é oferecer-lhes possibilidades reais de encontrar sua missão e, portanto, de pô-los no caminho que conduz à santidade.

### III. ALGUNS DESAFIOS PARA A COLABORAÇÃO NA MISSÃO

A colaboração como Família Vicentina no campo da missão oferece muitas possibilidades. Hoje, as pessoas, sobretudo os jovens buscam experiências fortes e significativas para suas vidas, estão cansados de ver a seu redor uma “vida religiosa” cheia de tradições, de rotinas, de costumes e acima de tudo, comodismo. Este modelo não atrai sua atenção. Precisamos apresentar o Evangelho e sua forma radical, oferecer-lhes fortes e provocantes experiências de serviço, comprometendo-os por toda a vida. Querem ver testemunhas de Jesus Cristo e de seu Evangelho em meio do mundo de hoje.

Podemos perguntar-nos: Que temos nós para oferecer aos leigos da Família Vicentina? Que podemos oferecer aos jovens que querem servir os pobres? Qual é nossa proposta?

O carisma vicentino não é nosso, é a riqueza do Espírito posta em nossas mãos para vivê-lo e transmiti-lo às novas gerações. Permitam-me que mencione alguns desafios que temos para partilhar hoje em nossa colaboração com os leigos.

#### 1. Conhecer, apaixonar-se e partilhar o carisma vicentino

Em suas missões vocês vivem intensamente o carisma vicentino e sua dimensão missionária, no entanto me parece que a vivência em profundidade não termina aí, é preciso partilhar com os outros que esperam ser chamados ao trabalho da vinha, a riqueza que recebemos. Viver em profundidade a vocação vicentina significa gastar a vida pelos pobres e partilhar com outros o dom recebido. Nosso carisma é atual e é um tesouro que descobrimos, encarnamos e projetamos cada dia. Esta espiritualidade é o dom mais precioso que podemos partilhar com os leigos. *“Temos um dom precioso a oferecer aos jovens: uma visão de Cristo como evangelizador e servo dos pobres. Na medida em que*

---

<sup>18</sup> Redemptoris Missio, Nº 175

*oferecemos este dom, nossa família será dinâmica no terceiro milênio*<sup>19</sup>. Nosso desafio consiste em comunicar aos outros o carisma vicentino e, por esta razão, é preciso criar associações vicentinas lá onde ainda não existem. Isto é também uma maneira efetiva de trabalhar pelos pobres.

## **2. Formar-se para formar.**

É uma das prioridades fundamentais para as instituições e pessoas conscientes. Não se trata somente de saber o que Deus quer de nós, mas de fazer o que Ele quer, para agir em fidelidade com a vontade de Deus. É preciso ser capaz e cada vez mais capaz<sup>20</sup>. Nossa formação e nossa preparação são a base para a colaboração. É um dever de justiça para com os pobres e os leigos, trabalhar para a nossa formação permanente. A missão de vocês é colaborar na formação dos leigos na mesma Missão. A formação nos prepara para saber ir ao pobre, para ensinar aos outros o caminho do pobre e as disposições necessárias para servi-lo.

## **3. Assumir novas atitudes.**

A humildade é a base da colaboração. Precisamos desta atitude para poder colaborar. Nossa atitude de escuta atenta deixa-nos evangelizar pelos leigos. Também precisamos saber praticar a paciência para saber esperar os frutos, abrir nossas obras para que os leigos possam encontrar espaços para o serviço e ter a disponibilidade necessária para orientar aqueles que vêm aprender.

## **4. Viver a co-responsabilidade com os leigos na Missão:**

A participação dos leigos na propagação da fé aparece claramente, nos primeiros tempos do cristianismo. Recordemos Priscila e Aquiles<sup>21</sup> citados nos Atos dos Apóstolos, bem como os numerosos leigos que deram a vida por ser de Cristo e anunciar o seu reino<sup>22</sup>.

Precisamos saber criar espaços para os leigos. São Vicente foi um homem capaz de abrir novos espaços para que os leigos pudessem ter

---

<sup>19</sup> VINCENTIANA, Ano 42 nº 4-5. Julho-Outubro 1998. Pág. 401

<sup>20</sup> cf. CFL. nº 58

<sup>21</sup> Atos 18, 18.26

<sup>22</sup> cf. *Redemptoris Missio* nº 71. Isto foi já recordado por Pio XII, ao referir na primeira encíclica missionária, as vicissitudes das missões laicais. Nos tempos modernos, também não faltou participação ativa dos missionários leigos e das missionárias leigas. Como não recordar o importante papel desempenhado por estas, o seu trabalho nas famílias, nas escolas, na vida política, social e cultural, e em particular o seu ensino da doutrina cristã? Mais: é necessário reconhecer, como um título de honra, que algumas Igrejas tiveram a sua origem, graças à atividade dos leigos e das leigas missionárias.

trabalho dentro da Igreja. Foi capaz de criar algo novo e os leigos então começaram a fazer coisas que antes não faziam. Caminhos novos, novas estruturas... Sempre me impressionei com a vida e obra de Irmã Rosalie Remdu , Filha da Caridade que viveu em profundidade sua vocação, e que com grande coragem mostrou a um grupo de jovens universitários ( Ozanan e companheiros) o caminho para o pobre e mais ainda, soube mostrar-lhes também o estilo de serviço que eles merecem. Hoje me parece muito urgente continuar reproduzindo este exemplo.

## **5. Ajudar aos leigos a ser a alma do mundo.**

Eles são chamados a ser Santos no meio do mundo. Sua missão consiste em dar testemunho da vida de Jesus Cristo e dos valores de seu Evangelho em sua família, no seu trabalho, em sua cultura e na sociedade. Vivem implicados nas coisas do mundo, mas com a força e a presença do Espírito. Conhecer sua vocação no meio do mundo é fundamental para não fazer de suas vidas uma mistura de vida religiosa e de vida no mundo.

## **6. Favorecer uma espiritualidade vicentina leiga**

A espiritualidade vicentina leiga<sup>23</sup> tem seu colorido próprio, diferente duma espiritualidade em geral ui daquela própria das Filhas da Caridade. Comparando o que São Vicente ensinou às Senhoras das Confrarias e o que ensinou às Filhas da Caridade, constataremos que há elementos doutrinários comuns:

- Seguir e imitar a Cristo, evangelizador dos pobres, fonte e modelo de toda caridade.
- Ver Cristo no pobre e o pobre no Cristo.
- Suscitar os sentimentos de Jesus para com os pobres: respeito, compaixão, devoção e caridade eficaz.

Mas, ao mesmo tempo percebemos que São Vicente considerava a situação das pessoas. Uma Filha da Caridade é consagrada ao serviço dos pobres a tempo integral. Uma Senhora da Caridade tem compromissos familiares que não pode deixar de lado. Muitas vezes fala da mesma virtude, mas o faz de maneira diferente, sobretudo quando se trata de sua prática.

---

<sup>23</sup> cf. Pérez Flores, Miguel, em "Avivar a Caridade" Ed. Ceme, Salamanca, 1997. p. 81-83.

## 7. Disponibilidade para a colaboração

É cada vez mais freqüente a colaboração de vários grupos da Família Vicentina em projetos em favor dos pobres. Esta colaboração se manifesta através de ações comuns com outras associações vicentinas em favor dos pobres, abrindo nossas comunidades para que mais leigos possam conhecer e partilhar nosso carisma, acompanhando os leigos missionários vindos de outro país para também servir os pobres, fazendo projetos em comum inclusive com outras instituições humanitárias, etc. Esta colaboração é muito importante e só a atingiremos com a prática da humildade que tanto nos recomendaram os fundadores. A pessoa humilde busca os dons de Deus lá onde se encontram e os recebem como administrador para dar aos pobres.

### **Conclusão:**

Deus nos chama a aprofundar nosso compromisso de seguir a Cristo evangelizador e servidor dos pobres, a enraizar-nos mais profundamente em sua pessoa, a vibrar com sua paixão pela verdade, a escutar humildemente com ele, os gritos dos pobres e os apelos da Igreja e a crer na força dos leigos vicentinos presentes em todo o mundo.

O Papa terminou a Encíclica *Redemptoris Missio* com estas palavras: *“Vejo alvorecer uma nova época missionária, que se tornará dia radioso e rico de frutos, se todos os cristãos e, em particular, os missionários e as jovens Igrejas corresponderem generosa e santamente aos apelos e desafios do nosso tempo”*<sup>24</sup>.

Esta nova aurora também é também válida para o carisma vicentino. Podemos fazer brotar um novo galho no tronco de Jessé se nos unirmos como família e passarmos a chama às novas gerações. O Superior Geral nos convida a fazer surgir um novo amanhecer: *“Trabalhando em união com os outros membros da Família Vicentina podemos ser uma força mais eficaz pela Evangelização e pelas obras de Caridade e de Justiça no mundo de hoje”*<sup>25</sup>.

Padre Benjamin Romo, c.m

---

<sup>24</sup> *Redemptoris Missio*. No. 92

<sup>25</sup> *Robe*

<sup>26</sup> *Robert P. Maloney, Assembléia Geral C.M. 1998*